



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
GRADUAÇÃO EM TEORIA, CRÍTICA E HISTÓRIA DA ARTE

**A RELEVÂNCIA DAS MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES SOBRE UM MESMO  
OBJETO PARA A HISTÓRIA DA ARTE**

Leticia Braga de Siqueira

Brasília

2022

LETICIA BRAGA DE SIQUEIRA  
MATRÍCULA – 16/0012091

**A RELEVÂNCIA DAS MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES SOBRE UM MESMO  
OBJETO PARA A HISTÓRIA DA ARTE**

Trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Teoria,  
Crítica e História da Arte do Departamento de Artes Visuais do  
Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Doutor Cayo Vinicius Honorato da Silva

Brasília

2022

**AS MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES SOBRE UM MESMO OBJETO E SUA  
RELEVÂNCIA PARA A HISTÓRIA DA ARTE**

**LETICIA BRAGA DE SIQUEIRA**

**Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 6 de maio de 2022, submetido à banca  
Examinadora constituída pelos seguintes avaliadores:**

---

Prof. Dr. Cayo Vinicius Honorato da Silva  
Instituto de Artes – UnB  
Presidente

---

Profa. Cristina Antonioevna Dunáeva  
Instituto de Artes – UnB  
Examinadora Interna

---

Profa. Catalina Valdés Echenique  
Universidade Alberto Hurtado - UAH  
Examinadora Externa

Dedico este trabalho aos meus pais, Joselito e Dalvirene, por me incentivarem a estudar e a nunca desistir de meus objetivos e principalmente, pelos valores e ensinamentos, ao longo desses anos, e aos meus irmãos: Lorena, Caio e Ivo que me ensinaram a importância de ouvir e compreender o outro em suas diferenças.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ser a base de toda a minha caminhada.

À minha família, excepcionalmente, aos meus pais, Joselito e Dalvirene, aos meus irmãos Lorena, Caio e Ivo e aos meus avós, por me incentivarem e acreditarem que seria possível, além de todo o apoio emocional. Em especial, meu singelo agradecimento a minha mãe e a minha irmã por serem as minhas principais inspirações na vida acadêmica, deixo aqui toda a minha admiração a elas.

Aos meus padrinhos Arlene e Alípio, que são como meus segundos pais. Um casal que me guiou e apoiou desde a infância.

Aos meus amigos em geral, por estarem ao meu lado em momentos difíceis e durante as conquistas. Em especial, as minhas amigas da graduação e de vida, Larissa Magalhães e Juliana Garcia que, durante essa reta final, foram o suporte essencial para a conclusão do curso.

A todos os docentes do departamento de artes que, durante os cinco anos de faculdade, fizeram da UnB o meu lar, trazendo inspirações e trabalhando sempre de maneira exemplar. Em especial, ao professor Dr. Pedro de Andrade Alvim e à professora Dra. Ana Cândida de Avelar, dois docentes que foram para além da sala de aula, me apoiando na vida profissional, permitindo que, durante a minha formação, pudesse ter oportunidade de intercâmbio acadêmico e trabalhos.

Ao meu orientador, Dr. Cayo Vinicius Honorato, agradeço pela paciência e por possibilitar que esse projeto que tanto sonhei fosse realizado. Meu obrigado por ter tornado essa experiência possível e por todo o aprendizado.

Agradeço aos voluntários que participaram desta pesquisa, pela colaboração e disponibilidade, mesmo diante das dificuldades enfrentadas nos últimos anos.

Por fim, agradeço aos colegas e amigos que involuntariamente participaram desta pesquisa, por meio de conversas nas quais pude retirar referências e entender como é primordial compreender cada indivíduo em suas particularidades.

*“O ‘leitor’ se excita, portanto, ante a liberdade da obra, sua infinita proliferabilidade, ante a riqueza de suas adjunções internas, das projeções inconscientes que a acompanham, ante o convite que o quadro lhe faz a não deixar-se determinar por nexos causais e pelas tentações do unívoco, empenhando-se numa transação rica em descobertas cada vez mais imprevisíveis” (ECO, 2015 [1932], p. 195).*

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso visa compreender, por meio de entrevistas e da análise do contexto histórico, como as múltiplas interpretações de um mesmo objeto contribuem para a História da Arte, compreendendo as vivências pessoais dos entrevistados e os estudos teóricos sobre o objeto artístico. Para alcançar o objetivo deste estudo, foram realizadas entrevistas com sujeitos que possuem idades e formações acadêmicas variadas, buscando coletar suas interpretações da pintura “Capricho – Terror em Silent Hill” (2008-2015), criada pelo artista Pedro Alvim. As respostas obtidas nas entrevistas foram discutidas, de maneira geral, em relação à variedade de interpretações que elas aportam e como elas podem contribuir com a história da arte, tendo em vista que, em diferentes períodos artísticos, leituras distintas das obras de arte contribuíram efetivamente para a produção artística e para o enriquecimento científico de pesquisadores e amantes da arte, o que permite compreender a importância da avaliação final do público.

**Palavras-chave:** Interpretação. História da Arte. Obra de Arte. Público.

## **ABSTRACT**

This study aims to comprehend,

through interviews and the analysis of the historical context, how the multiple interpretations of the same object contribute to the History of Art, including the personal experiences of the interviewees and the theoretical studies on the artistic object. To achieve the objective of this study, interviews were carried out with subjects of different ages and academic backgrounds, seeking to collect their interpretations of the painting “Capricho – Terror em Silent Hill” (2008-2015), created by the artist Pedro Alvim. The answers obtained in the interviews were discussed, in general, in relation to the variety of interpretations they contribute and how they can contribute to the history of art, considering that, in different artistic periods, different readings of works of art effectively contributed for artistic production and for the scientific enrichment of researchers and art lovers, which makes it possible to understand the importance of the final evaluation of the public.

**Keywords:** Interpretation. Art History. Work of art. Public.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Retirantes..... **Erro! Indicador não definido.**  
PORTINARI, Candido. Retirantes, da série Retirantes. 1944-1945. Pintura, óleo sobre tela, 190 x 180 x 2,5 cm.  
Acervo: Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Figura 2 – Capricho – Terror em Silent Hill ..... **Erro! Indicador não definido.**  
ALVIM, Pedro. Capricho – Terror em Silent Hill. 2008 -2015. Pintura, acrílico sobre tela, 65 x 85 cm. Coleção do Artista.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Esclarecimento (2017).....	28
<b>RODRIGUES, Wilton. Esclarecimento feito pelo artista, Pedro de Andrade Alvim, para entrevista acadêmica realizada pelo discente Wilton Rodrigues na disciplina de Laboratório de Crítica de Arte da Universidade de Brasília em 2017. Fonte: Arquivos de Alvim, 2017.</b>	

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1 CONTEXTO HISTÓRICO.....	14
1.1 Diferenças entre a História da Arte e a História Social .....	15
1.2 Processo/Individualismo/O público .....	17
1.3 Interpretação .....	17
2 MODOS DE INTERPRETAR   LEITURAS .....	20
2.1 A interpretação a partir do olhar .....	20
2.2 Acesso a museus e galerias   Influência do meio.....	22
2.3 A individualidade e o processo sociológico .....	24
2.4 Sentimentos/Emoções .....	25
3 ARTISTA – PEDRO ALVIM .....	26
3.1 Percurso na arte .....	26
3.2 Pinturas .....	27
3.3 A Pintura selecionada .....	29
4 MÉTODO DE PESQUISA .....	31
4.1 Pandemia .....	32
4.2 <i>Design</i> de pesquisa .....	33
5 ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES PROTAGONIZADAS PELO PÚBLICO ...	37
5.1 Primeiro grupo - Crianças .....	37
5.2 Segundo grupo - Especialistas/estudantes de arte.....	38
5.3 Adultos com formação ou cursando universidade .....	40
5.4 Adultos sem formação universitária .....	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
REFERÊNCIAS .....	46
APÊNDICE A - Roteiro e divisões das entrevistas .....	49
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	50
APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas .....	51

## INTRODUÇÃO

Para entender esta pesquisa, voltaremos a 1637, durante o período Barroco, em que René Descartes apresentava o seu discurso do método, dividido em seis partes. Seu trabalho tinha como objetivo avaliar o fundamento das suas mais variadas categorias de crença. O que Descartes apresentava como essência em seu método era a busca pela validação de seus saberes; contudo, ao mesmo tempo, o autor defendia que cada indivíduo deveria elaborar seu próprio método. No livro *O discurso do método*, ele afirma: “Assim meu propósito não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para bem-conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira procurei conduzir a minha” (DESCARTES, 2019 [1637], p. 39).

Parafraseando o filósofo, o correto seria que devemos elaborar nosso próprio método para avaliar nossas crenças pessoais, porém, quando se fala em construir seu método, não significa que devemos deixar de lado estudos ou teorias já elaboradas anteriormente. O propósito é encontrar os fundamentos daquilo que se questiona.

Um exemplo desta teoria pode ser aplicado na arte. Convido-te a analisar uma pintura. Ao olhar para um quadro, sabemos que ele possui uma história já preestabelecida, contudo, cada espectador poderá ter sua livre interpretação ao analisar a obra, podendo, assim, ter sua própria visão, vista à sua maneira, pois a arte desperta, em cada um, sentimentos e reflexões distintas.

Apesar de Descartes buscar a verdade absoluta para as suas crenças, não necessariamente a verdade do filósofo é a verdade de todos, pois cada um, em suas particularidades, tende a criar sua própria verdade a partir de suas experiências. Assim, por meio do presente trabalho, tem-se como propósito compreender como um único quadro pode representar múltiplos significados.

Para entender melhor essa multiplicidade no mundo da arte, voltamos à história da arte, observando a teoria e a prática artística para, então, compreender a participação do público como parte do processo artístico, por meio de suas interpretações. Neste trabalho, busca-se compreender como, no decorrer da história, a opinião do público, por diversas vezes, foi deixada de lado, enaltecendo-se, em vez disso, a beleza do objeto de arte segundo as interpretações de um círculo limitado de estudiosos, tais como curadores, historiados, galeristas, artistas:

*Si se reconoce la insuficiencia de los análisis de las obras e le medio de su producción, sin satisfacerse con el simplismo de la larga ascensión de las clases burguesas, que explicaría todo el arte producido entre los siglos xv y xix, continúa, pues, entregándose, en torno a la noción de público, a un objeto mixto, mal conocido, difícil de delimitar y analizar empíricamente, cuyas huellas exigen un largo desciframiento y cuyas ramificaciones parecen infinitas: las modalidades específicas de la recepción, desde sus lugares, sus mercados y sus medios hasta el renovado problema de las significaciones que adquiere el arte según los grupos sociales, los períodos y las sociedades (HENNION, 2002, p. 164).*

Um dos pilares desse estudo é o sociólogo Antonie Hennion que, em 2002, propôs uma discussão sobre a diferença entre a história da arte e a história social da arte. Seu estudo revela em que momento a história da arte passa a entender o objeto artístico com base na interpretação do público.

Outros autores, como Umberto Eco e Marcel Duchamp, são utilizados por este estudo, por também abordarem a importância do público na hora de analisar as obras. Esses estudiosos explicitaram o processo de reconhecimento da obra de arte como objeto de múltiplas interpretações, mesmo que o objeto apresente um significado atribuído previamente pelo artista.

No decorrer dos capítulos, é abordado, por meio da sociologia, como o “capital simbólico”, conceito criado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, influencia a participação do público dentro dos museus e galerias de arte, e o porquê de os costumes e “*habitus*” contribuírem para a baixa frequência das classes não elitizadas dentro dos espaços de arte.

Esta investigação tem por objetivo responder questionamentos, como: Por que não olhar para o espectador como revelador do objeto de arte? Como olhar a arte tendo a visão do espectador como meio de propagação do objeto? Trata-se de questões que abordam as interpretações feitas pelo espectador a partir do momento em que tem contato com a pintura, buscando entender a importância das possíveis compreensões a respeito do trabalho artístico, tendo em vista que cada um reage de maneira distinta à obra de arte.

Dessa forma, a presente pesquisa tem por objetivo geral compreender como essas múltiplas interpretações podem contribuir efetivamente para a história da arte, de maneira a apresentar uma nova forma de olhar para o processo artístico com visão menos idealizadora dos objetos de arte.

Como propõe Marcel Duchamp, na conferência “O ato criador”, de 1957: “[...] o papel do público é o de determinar qual o peso da obra de arte na balança estética”. Para além de seu valor artístico, o trabalho de arte – e aqui me refiro mais especificamente à pintura – se coloca como relato de um momento histórico e de reflexão a partir de diferentes pontos de

vista e realidades. Dessa maneira, o espectador se torna fundamental para a compreensão do processo artístico, sendo o público parte do caminho percorrido pela obra rumo à posteridade.

Por objetivos específicos, buscou-se: 1) investigar as diferentes maneiras de interpretar uma obra de arte, neste caso, o quadro *Capricho – Terror em Silent Hill*, do artista Pedro Alvim (1963), e os seus múltiplos significados; e 2) entender o processo de produção do artista e como o resultado da obra chega ao olhar do público de maneira distinta em relação ao que foi pensado por ele, compreendendo de que maneira as interpretações contribuem para a história da arte. Dessa maneira, busca-se entender como as distintas compreensões podem resignificar uma mesma obra, muito embora a própria obra já possua seu significado atribuído pelo próprio artista.

## 1 CONTEXTO HISTÓRICO

A datar da pré-história, já se viam objetos e desenhos que até hoje são estudados para representar a história. Mesmo que por falta de documentos não possamos explicar como, de fato, viviam nossos antepassados, por meio dos artefatos encontrados, especialistas trazem teorias para explicar o desenvolvimento da história até os dias atuais. Apesar de não serem objetos analisados em um contexto artístico como conhecemos, a partir do final do século XIX, estes artefatos são vistos hoje como as primeiras manifestações de arte feita pelo ser humano.

De fato, não podemos afirmar quando a arte se iniciou, como sugere o historiador da arte Ernst Gombrich, no livro *História da arte*:

IGNORAMOS como a arte começou, tanto quanto desconhecemos como se iniciou a linguagem. Se aceitarmos o significado de arte em função de atividades tais como a edificação de templos e casas, realização de pinturas e esculturas, ou tessitura de padrões, nenhum povo existe no mundo sem arte. (GOMBRICH, 2000[1950], p. 39).

Contudo, mesmo que ainda não possamos afirmar o período em que esculturas, pinturas e desenhos começaram a ser trabalhados como objetivos artísticos, a arte sempre esteve presente no dia a dia. Hoje, artefatos, utensílios e pinturas espalhadas pelo mundo são usados na história da arte com o objetivo de trazer referências para explicar e mostrar como foi a vivência de cada povo, revelando seus costumes, sua cultura. Desse modo, cada país e cada comunidade podem mostrar sua identidade e particularidades que os diferenciam.

Um exemplo da importância da arte na História pode ser visto ao analisar uma pintura como *Retirantes* (Figura 1), de Candido Portinari (1944-1945). O artista brasileiro representa, em seu quadro, uma das histórias que mais marcou o Brasil. Durante a seca, vivida nas primeiras décadas no século XX, famílias migravam para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida.

Mediante o quadro, é possível notar a tristeza das figuras que compõem a imagem, por marcar um momento extremamente difícil para os sertanejos nordestinos que tiveram que fugir de suas cidades natais com fome e sede, em busca de esperança; contudo, sem expectativas de que poderiam chegar a algum lugar.



Figura 1: PORTINARI, Candido. Retirantes, da série Retirantes. 1944-1945. Pintura, óleo sobre tela, 190 x 180 x 2,5 cm. Acervo: Museu de Arte de São Paulo (MASP).

O mais valioso da pintura é poder tê-la nos livros, na internet e, principalmente, no Museu de Arte de São Paulo, como fonte de representação da nossa história, pois são raras as fotografias encontradas que representam esse momento histórico. Hoje, a pintura de Portinari pode ser utilizada nas escolas para mostrar aos alunos parte da nossa história.

De fato, a arte sempre esteve a nossa volta e um de seus aspectos mais incríveis é como cada um pode olhar e interpretar o objeto artístico de maneira distinta, dando à arte mais de um significado. E, mesmo com as distintas respostas sobre as pinturas, as obras de arte ainda podem fazer parte da nossa história.

### **1.1 Diferenças entre a História da Arte e a História Social**

Neste estudo, recorro a referências de duas áreas de conhecimento: uma voltada para a história da arte e a outra ligada à sociologia. Para entender a diferença entre História social e a História da arte e como efetivamente ela interfere na problemática a respeito das interpretações do público, pode-se apontar o estudo do sociólogo Antoine Hennion, no livro



*La passion musicale*. Em seu texto, o autor aborda a oposição existente entre a sociologia e a história, demonstrando a importância da junção das duas áreas:

*[...] a partir de dos posiciones que se oponían sobre el estatus de las obras: para reconocerlo y establecerlo mejor (historia del arte) o para remitirlo a determinaciones externas (historia social). Las posiciones se acercaron enseguida, al mismo tiempo que se confundían los tipos de causas utilizadas: si, al comienzo, son generales, externas explicativas, por lo que se refiere a la historia social, y puntuales, internas, implicativas, por lo que se refiere a la historia del arte, en la llegada todas se encuentran ligadas por las mediaciones cruzadas y ninguna se puede extraer del conjunto sin apoyarse sobre la serie de las demás ni sin que se pueda indentificar a sus defensores entre los actores del mundo del arte (HENNION, 2002, p. 158).*

A partir da leitura de Hennion, é possível compreender como ocorre a separação entre a História da Arte e a Sociologia. Isso ocorre uma vez que dentro da História da arte, durante anos, se exerceu um papel mais restrito no processo avaliativo das obras de arte, vinculado aos especialistas e admiradores de arte essa função, deixando de lado o a participação do público espontâneo e não dando a devida importância deles no processo avaliativo.

*La historia del arte tiene mayor tendencia a encontrar mediadores individuales, próximos a la producción, específicos y ligados al medio artístico, siguiendo espontáneamente el programa constructivista trazado por la perspectiva de los “mundos del arte” (HENNION, 2002, p. 161).*

Para uma obra de arte ser considerada válida para o mercado ou museus, ela passa por uma série de avaliações realizadas por especialistas que dão o aval para que o trabalho seja exposto ou não, considerando estudos e teorias de acordo com as tendências do momento.

Por outro lado, a sociologia contrapõe essa tradição, trazendo a importância de escutar o público. Apesar das exposições serem dirigidas ao espectador, em nenhum momento ele tem voz para avaliar as obras, funcionando apenas como um comprador ou admirador – o que restringe, cada vez mais, o acesso às obras ao público espontâneo. A história social surge, nesse sentido, para abarcar mais informações coletivas, buscando, por meio do público, novidades para atualizar as exposições de arte.

*La historia social prefiere, en cambio, descubrir mediadores colectivos, cercanos a la recepción y al público, más genéricos, exteriores al medio artístico, desde el análisis de los gustos y las prácticas de las clases dominantes y las élites burguesas hasta la utilización de tendencias más amplias [...] (HENNION, 2002, p. 162).*

Esse papel de abarcar as informações e opiniões dos visitantes e compradores é realizado pela mediação que une as interpretações e informações dos visitantes, fazendo do público parte essencial do processo artístico e das novas tendências expositivas.

## 1.2 Processo/Individualismo/O público

Conferenciar a respeito do público é compreender a sua importância no processo artístico. Como afirma o artista Marcel Duchamp (2013 [1957], p. 72): “Em uma última análise, o artista pode proclamar de todos os telhados que é um gênio; terá de esperar pelo veredicto do público para que sua declaração assuma um valor social e para que, finalmente, a posterioridade o inclua entre as figuras primordiais da História da arte”.

Então, por que não olhar para o espectador como quem contribui para a compreensão do objeto de arte? Por que, na maioria das vezes, ao se avaliar uma obra não se considera a interpretação do público?

A história da arte possui uma vertente muito tradicional que segue uma série de teorias burocráticas. Um exemplo são as validações das obras de arte. Hennion afirma que essas normas de validação das obras de arte são realizadas pelos patronos, um grupo que tem por objetivo “proteger” e defender a obra de arte com uma opinião concreta em relação a ela: *“comanditarios y mecenas, Estado, marchantes, coleccionistas: todos aquellos que proporcionan una voz a la demanda y la hacen existir ante el artista”* (HENNION, 2002, p. 16).

De fato, os especialistas são primordiais para categorização e avaliações das obras de arte; contudo, o público poderia contribuir com a avaliação a partir de suas interpretações e até pelo interesse geral da maioria dos públicos. Entretanto, a opinião do público ainda é deixada de lado. Como escreve Duchamp, há casos em que nem mesmo o ponto de vista do artista é levado em consideração.

## 1.3 Interpretação

A palavra interpretação, originada do latim *interpretatĭo, ōnis*, significa “explicação, sentido”. Sua função é estabelecer o sentido ou atribuir um sentido a algo que se analisa, seja um texto, uma música, uma peça teatral ou uma obra de arte. Para a arte, a interpretação é o elo fundamental entre obra e espectador. A partir dela, é possível despertar sentimentos ou

emoções ligados à memória pessoal do indivíduo, seja no presente, passado ou até em fantasias criadas para o futuro.

Interpretar uma obra de arte varia de acordo com o momento e local em que o espectador se apresenta, pois é mais propício interpretar um quadro mais formalmente dentro de um museu, do que uma pintura exposta em casa, utilizada como objeto de decoração. Isso ocorre porque somos condicionados a nos comportar em cada ambiente de acordo com a maneira em que fomos ensinados e segundo “as etiquetas de conduta”.

O que de fato a arte apresenta é que ela é moldável por cada indivíduo, fazendo de um único objeto uma grande ramificação de ideias, sentimentos, emoções e ligações pessoais. Como diz o escritor Umberto Eco, a arte é uma obra aberta:

Obra aberta como proposta de um “campo” de possibilidade interpretativas, como configuração de estímulos dotados de uma substancial indeterminação, de maneira a induzir o fruidor a uma série de “leituras” sempre variáveis; estrutura, enfim, como “constelação” de elementos que se prestam diversas relações recíprocas (ECO, 2015 [1932], p.184).

Fruir o objeto de arte significa traçar um caminho de escolhas para interpretar o que está diante dos olhos do espectador, permitindo-se devanear e instigar a curiosidade e podendo criar uma gama de respostas em relação ao que se apresenta. O primordial para admirar a arte é se permitir observar sem preconceitos ou insegurança. Por não obter o conhecimento<sup>1</sup> adequado para explicitar o que se vê, o público acaba criando uma barreira diante do objeto de arte.

A abertura, por seu lado, é garantia de um tipo de fruição particularmente rico e surpreendente, que nossa civilização procura alcançar como valor dos mais preciosos, pois todos os dados de nossa cultura induzem a conceber, sentir, e, portanto, ver, o mundo segundo a categoria de possibilidade. (ECO, 1932, p.213).

Essa participação do espectador no processo de interpretação é chamada por Eco de “Ato de Criação”. Este ato ocorre quando o público passa a fazer parte da criação do artista, trazendo sua opinião e apresentando quais sentimentos, narrativas e interpretações conseguiu extrair da obra, denotando uma nova contribuição a criação pré-definida pelo artista. É como se a obra depois de exposta passasse a ter vários sentidos, como se cada um em sua individualidade apresentasse uma narrativa diferente para o quadro. Por consequência, o ato

---

<sup>1</sup> Existe um receio por parte do espectador de comentar a respeito do objeto artístico, por acreditar não ter a base acadêmica necessária para interpretar.

de recepção passa a ser protagonizado pelo público, uma vez que ele se torna peça fundamental para validar a obra de arte, tendo as diversas interpretações como respostas substanciais na análise do objeto, de modo a levar a arte à tão famosa posterioridade.

## 2 MODOS DE INTERPRETAR | LEITURAS

A interpretação é um processo que varia de acordo com o tempo (presente, passado e futuro), as experiências e a personalidade de cada indivíduo. O que contribui para esse processo é o contexto histórico de cada pessoa. As escolhas que fazemos repercutem diretamente no modo de agir; logo, influenciam a forma de interpretar. No caso da pintura, tudo pode mudar o modo de ver do espectador, seja a cor, as linhas do desenho ou a ausência do mesmo, e até experiências ocorridas em seu tempo presente.

Nesse caso, a interpretação da pintura é como a interpretação de um texto. Ao lermos um escrito, podemos imaginar os personagens, criar histórias, tirar das palavras sentimentos e emoções e, no caso da pintura, a leitura acontece por meio do ver, pois tudo aquilo que vemos ou tocamos é possível ler, sejam paisagens, imagens, rostos (expressões) ou objetos.

Dessa forma, é possível afirmar que a leitura da pintura pode variar de público para público, pois a apreciação de uma obra pode ocorrer de acordo com experiências prévias de cada um. Experiências essas que estão ligadas ao seu cotidiano e ao meio em que vive. O único empecilho ocorre no ato da recepção. Olhar uma obra varia de acordo com a disposição do público em valorizar o que se vê ou na recusa em compreender o objeto de arte.

Ao final, é possível notar que o modo em que o indivíduo se apresenta mentalmente contribui para a chamada interpretação. Isso porque o seu humor ou o momento em que vive são aspectos que têm, diretamente, impacto na sua interpretação de uma obra de arte.

### 2.1 A interpretação a partir do olhar

O olhar é o primeiro passo para a interpretação, nele se inicia o processo de observação, ele é aquele que causa impacto. Como é citado por Berger (2000, p. 13): *“La vista llega antes que las palabras. El niño mira y ve antes de hablar”*.

No texto “O olhar do viajante” de Sérgio Cardoso (1988), é possível entender a diferença entre os verbos ver e olhar. É como se o ver e o olhar levassem a caminhos opostos, obtendo significados e conclusões diferentes.

O “ver” observa de uma forma mais simpática, analisando e interpretando para guardar em seu consciente aquilo que compreendeu e espelhou, concentrando e levando para si o que se assimila de uma imagem, texto ou qualquer coisa que se possa ver. O ver apresenta ingenuidade, pois vemos as coisas de uma forma repentina. Já o “olhar” vai além, ele tem a curiosidade com a qual, rapidamente, é possível captar o conteúdo do que se vê, consegue

acompanhar os detalhes da obra, tem a vontade de ver várias vezes com a intenção de analisar profundamente. Por isso, o “olhar” é sempre esperto e pronto para perguntar o porquê das coisas que vê e, mesmo sem resposta, busca por meio de pensamentos uma explicação. Olhar é analisar cada detalhe calmamente, com um cálculo preciso e longo, desconcertando, assim, as dúvidas sem parar de pensar e descobrir mais coisas, pois quem olha tem o desejo contínuo de procurar saber cada vez mais.

Cardoso (1988) escreve que não há continuidade entre o “ver” e o “olhar”. Com isso, se entende que um, necessariamente, não depende do outro, podendo transitar entre o ver e o olhar sem ter um conceito pré-definido. A partir da leitura de *Olhar viajante*, pode-se dizer que o percurso do olhar é como o interpretar para a arte, pois a característica de movimento repassa a ideia de olhar cada detalhe de uma obra de arte e ir extraíndo vários conceitos apresentados, seja na tela ou em uma escultura que, necessariamente, necessita de um trajeto, estabelecendo seu ponto de partida e de chegada.

O olhar não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. Aqui o olho defronta constantemente com limites, lacunas, divisões e alteridade conformam-se a um espaço aberto, fragmentado e lacerado. Assim, trinca e se rompe a superfície lisa e luminosa antes oferecida à visão, dando lugar a um lusco-fusco de zonas claras e escuras, que se apresentam e se esquivam à totalização (CARDOSO, 1988, p. 3).

É o exercício do olhar que se permuta por meio da curiosidade de pesquisar e entender o que se passa. Sabe-se que o olhar não cansa perante a perspectiva do espaço, mas que busca um limite nas diferenças do vasto espaço a percorrer, desconstruindo aquilo que afeta uma paisagem familiar, caracterizando o “olhar bem” que é descrito no texto como o sentido do olhar.

Vale ressaltar que o exercício do olhar para a interpretação varia de lugar para lugar de acordo com o que a pessoa viveu, aprendeu e sabe a respeito do mundo. Assim como no texto de Cardoso, o crítico de arte Berger (2000) afirma que tudo aquilo em que acreditamos afeta o nosso modo de olhar:

*Lo que sabemos o lo que creemos afecta al modo en que vemos las cosas. En la Edad Media, cuando los hombres creían en la existencia física del Infierno, la vista del fuego significaba seguramente algo muy distinto de lo que significa hoy. No obstante, su idea del Infierno debía mucho a la visión del fuego que consume y la cenizas que permanecen, así como su experiencia de las dolorosas quemaduras (BERGER, 2000, p.13).*

Tudo em que acreditamos faz parte do nosso modo de agir, portanto, olhar para uma pintura é o ato de tornar a imagem em história, utilizando o tempo como alicerce na construção do olhar.

## 2.2 Acesso a museus e galerias | Influência do meio

Para entender melhor o fluxo nos espaços expositivos, refletimos a respeito do que dizem os discursos de Bourdieu. O sociólogo cria, em torno de 1977, o conceito de *capital cultural* para exemplificar como a cultura e uma sociedade dividida em classes se transforma numa espécie de triunfo para as classes médias e altas, que a utilizam para acentuar as diferenças, demarcando, assim, os lugares que frequentam.

A exemplo da estrutura e da função do sistema das instâncias de reprodução e, em particular, do sistema de ensino – que, por sua tarefa de inculcação, consagra como digna de ser conservada a cultura que tem o mandato de reproduzir. A estrutura e a função do campo de produção e do campo de difusão só podem ser inteiramente compreendidas se levarmos em conta a função específica que, em seu conjunto, o sistema das relações constitutivas do campo de produção, de reprodução e de circulação dos bens simbólicos, deve à especificidade de seus produtores (BORDIEU, 2002)

Bourdieu aborda o espaço escolar como o principal exemplo para entender o *capital cultural*. Trata-se de um local onde o conhecimento, a princípio, deveria ser transmitido de forma igualitária. Contudo, o sociólogo percebeu que o ensino não é transmitido a todos os alunos da mesma maneira. Segundo ele, discentes pertencentes às classes mais favorecidas trazem de berço o que ele chamou de “bens simbólicos”.

Os bens simbólicos são termos que se referem ao conjunto de saberes, informações, características, crenças e valores que determinam um grupo social e o capital como bens econômicos. Esses fatores determinam como a cultura se transforma em instrumento de dominação. Além disso, a classe dominante impõe às classes dominadas sua própria cultura, dando-lhe um valor incontestável.

A escola arditosamente contribui para que essa cultura dominante seja transmitida como tal, favorecendo alguns estudantes independentes de outros. Os desfavorecidos são justamente aqueles que não tiveram contato, por meio da família, com os bens simbólicos, seja na forma de livros, coisas concretas ou por não terem tido acesso a museus, galerias, teatros, orquestras, lugares esses que facilmente são frequentados por estudantes mais ricos.

Devido a essa situação, o discente de classe menos favorecida não consegue entender os mesmos códigos culturais que a escola valoriza como aprendizado, pois, para ele, isso é muito mais difícil. Bourdieu entende que, assim, a escola acaba excluindo os alunos das classes populares, enquanto concede vantagens aos mais dotados de capital cultural. Por isso, o discurso de igualdade que a escola emprega não funciona na prática.

A escola não cobra dos alunos apenas o que foi ensinado, ela cobra outros conhecimentos que não estão no plano de ensino, tornando o assunto fácil para uns e difícil para outros. Dessa maneira, ela demarca as diferenças, fazendo com que as crianças cresçam com culturas distintas. Ademais, faz com que estudantes que não possuem capital cultural se enganem e pensem que a dificuldade é falta de inteligência. Bourdieu acreditava que a solução para toda essa violência simbólica exercida pela escola passaria por tornar explícito todo esse procedimento velado da instituição.

Esse ensino que Bourdieu traz nas décadas de 1960-1970 ainda se reflete nos dias de hoje. É o que ele aborda no documentário “A sociologia é um esporte de combate”:

O capital cultural é um elemento importantíssimo e penso que, hoje, cada vez mais, nas sociedades contemporâneas desenvolvidas e até outras, a reprodução das desigualdades se faz cada vez mais através da transmissão do capital cultural [...] o acesso às grandes universidades é duplamente controlado pelo capital: capital econômico, pois custa caro e capital cultural porque como aqui é transmitido através das famílias produtores (BOURDIEU em entrevista a CHARLES, 2002, min.14:12).

Um exemplo disso são os espaços culturais da cidade de Brasília. Os lugares mais conhecidos como Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB, Museu Nacional, Espaço Cultural Renato Russo, Centro Cultura Caixa, Espaço Cultural Marcantonio Vilaça e algumas galerias de arte se encontram na zona nobre da cidade, lugares que para a classe baixa chegar leva cerca de 1h a 2h de transporte público. Trata-se de espaços que, muitas vezes, tal público acha que não pode acessar com o vestuário que possui ou onde, por falta de informação, acredita que deve pagar para entrar.

Aqui entra um dos papéis exercidos pela mediação e algo que vale destacar. Durante o ano letivo, as escolas propõem aos alunos visitas aos espaços culturais. Ao chegar ao local, o mediador leva os alunos a refletir e conhecer mais a respeito da arte e de exposições que ali se apresentam. Aos poucos, os discentes vão se inteirando sobre as obras e os espaços artísticos, desmitificando o ato de que os espaços de arte não podem ser acessados pelas classes menos favorecidas. Essa talvez seja a única oportunidade que muitas crianças e adolescentes têm de



terem contato com esses espaços.

Durante minha experiência como mediadora cultural, no Espaço Cultural Renato Russo, tive a oportunidade de observar que boa parte dos estudantes fica encantada pela arte e se interessa em conhecer mais sobre o espaço visitado. A mediação surge, nessa hora, como uma ponte para que todos conheçam as artes, independentemente de onde vêm, seja da escola ou de seus pais. Infelizmente, por não ser um hábito constante, poucos retornam aos espaços ou se aprofundam nas artes depois da visita.

A arte é para todos, porém, para que isso se torne uma realidade, deve-se mudar desde a educação básica, o modo de se relacionar com o campo artístico. Ele deve ser mais aberto ao público em geral.

### **2.3 A individualidade e o processo sociológico**

Cada indivíduo é único, dado que cada um apresenta suas singularidades, devido a suas vivências particulares, vividas por cada um de forma diferente. No momento da interpretação da obra de arte, essa construção social contribui para o seu modo de observar e, consequentemente, para as respostas que dará a determinadas situações.

Um exemplo disso é a obra “Cuide de você” da artista Sophie Calle<sup>2</sup>. O trabalho conhecido por ser uma das exposições<sup>3</sup> mais renomados da artista francesa, faz uma resposta à carta de término que recebe do ex-namorado Grégorio Bouillier que, no final da carta, escreve para a artista dizendo *cuide de você*. Após receber essa carta, Calle convida cento e sete mulheres de diferentes profissões e inclusive um papagaio e duas marionetes, dando a elas a missão de responder essa carta de acordo com a linguagem apropriada a seus respectivos trabalhos.

Sophie afirma não saber como responder a carta, por isso a artista convida diversas mulheres com o objetivo de ganhar aliadas, não como um processo de vingança, e sim uma oportunidade de ganhar tempo antes do término. Segundo a artista, essa foi uma forma de cuidar dela. Um pedido que ela faz é que não citem o nome de seu ex, preservando sua intimidade, dando, assim, o nome de X ao autor da carta. Dessa forma, em todas as cartas escritas, vemos uma resposta das mais diferentes formas ao senhor X.

---

<sup>2</sup> A fotógrafa, escritora e artista Sophie Calle, nasceu em 1953, na cidade de Paris na França.

<sup>3</sup> A primeira exposição da obra “Cuide de você” foi exibida pela primeira vez na 52ª Bienal Internacional de Arte de Veneza, em 2007.

Ao ler as cartas<sup>4</sup>, fica claro como cada indivíduo interpreta as respostas de maneira diferente e de acordo com os seus conhecimentos. Mulheres que vivem realidades distintas responderam a mesma carta enviada pelo senhor X. As respostas são apresentadas de maneiras totalmente distintas. Entretanto, a essência de expressar a indignação ao término, ocorrido por *e-mail*, representa o mesmo sentimento de revolta nas três mulheres.

O valioso de olhar para cada resposta apresentada, ao término, é observar as várias formas de escritas que cada mulher manifestou em suas cartas, mostrando o valor de ser único em suas particularidades, contudo, com sentimentos próximos, relacionados diretamente ao meio social.

## **2.4 Sentimentos/Emoções**

A arte como expressão do sentimento é vista desde o Romantismo, século XVIII, como forma criada para despertar os sentimentos mais profundos, contribuindo para abrir a mente no sentido de olharmos o mundo de outra forma. A realidade que, muitas vezes, é cruel pode ser vista de uma maneira mais leve, quase como uma terapia que pode nos dar esperança, nos confortar em momentos de solidão e, principalmente, nos ajudar a ver o mundo em duas perspectivas: como ele é de fato e como pode ser.

A função da arte de interagir com o espectador é uma maneira do ser humano se expressar, por meio de ideias, sensações e sentimentos como forma de comunicação, tendo por objetivo compartilhar o que se observa. Na arte, o sentimento pode interagir com a realidade, tendo como principal finalidade transformar situações cotidianas, para as quais alguns não dão importância, em arte para que possa ser admirada e compreendida de maneira singela.

---

<sup>4</sup> As cartas estão disponíveis no site:  
[https://videobrasil.org.br/blog/wp-content/uploads/2009/07/brochura\\_707\\_1.pdf](https://videobrasil.org.br/blog/wp-content/uploads/2009/07/brochura_707_1.pdf)

### **3 ARTISTA – PEDRO ALVIM**

Artista e professor brasileiro, Pedro de Andrade Alvim, é conhecido por suas ficções e verdades representadas em tela, por meio de cenas cotidianas de ruínas, trilhas, desvios e escombros. Alvim nasceu em 1963, na cidade Rio de Janeiro, onde viveu até os seus cinco anos de idade, lugar em que passou sua primeira infância. Logo depois, embarcou com sua família para Paris e ali viveu até os seus sete anos, voltando para o Rio em seguida. Durante sua adolescência e juventude, viveu em Brasília e desfrutou de acampamentos e shows musicais. Além disso, pôde realizar viagens ao nordeste e ao sul do país.

Em São Paulo, iniciou sua vida conjugal com a cinegrafista Marcela Tamm, com quem teve dois filhos: João e Manuel Rabello Alvim, em um intervalo de dez anos. Pedro e Marcela viveram durante três anos na Europa e, logo depois, retornaram para a cidade de Brasília. Desde 2002, ele atua na cidade como professor Adjunto no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília.

Sua primeira graduação foi concluída em 1990, na área de Educação Artística, e a segunda em Filosofia (1991), pela Universidade de Brasília. Tornou-se mestre em História da Arte e da Cultura pela Unicamp em 1997. Em 2001, na França, concluiu seu doutorado em História da Arte pela Universidade de Paris I/Panthéon Sorbonne. Seu Pós-doutorado ocorreu em 2014, no Departamento de Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Como artista, já participou de várias exposições coletivas e individuais, entre elas: a exposição “Os cinco de Brasília” no Espaço Capital em 1986, sendo o mais jovem dos cinco artistas brasilienses a participar do VIII Salão Nacional de Artes Plásticas no Rio de Janeiro. Teve também seus trabalhos expostos no Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB (2010), no Museu dos Correios (2017), no antigo Espaço Cultural da 508 Sul (2008) e na Galeria da Casa da Cultura da América Latina (2019), entre outros.

#### **3.1 Percurso na arte**

Alvim iniciou seu processo na infância por meio das histórias em quadrinhos. No período em que viveu na França, leu muitas histórias que seus pais compravam, como: Tintin, Asterix, Lucky Luke. Aos poucos, a linguagem narrativa visual foi fazendo parte do seu cotidiano.

Inspirado nos quadrinhos, o artista começou a traçar seus primeiros desenhos. Durante a adolescência, se encantou com a pintura. Para o artista, a pintura está mais ligada à

linguagem do que à técnica. Tem a ver com a materialidade da pintura e a maneira em como o corpo se apresenta no espaço. No decorrer de sua formação, idas ao cinema, uma coleção de história em quadrinhos, a confecção de livros ilustrados, encenações de peças teatrais, a aquisição de uma maleta com material de pintura por um parente próximo, aventuras nas montanhas, férias nas praias e serras do estado do Rio serviram como acontecimentos que influem em seus trabalhos até hoje.

Apesar de o artista<sup>5</sup> estar inserido na geração de 80, fase conhecida pelo retorno à pintura subjetiva, segundo Alvim, foi um período em que pouco se aproveitou, de fato, a pintura. Para ele, poucas obras realmente apresentaram qualidade e importância. Nesse ponto de vista, não é algo que se interessou em estudar.

Nos últimos anos, sua pintura tem como inspiração a paisagem urbana, suburbana e do mato. Tem sua pesquisa voltada para a história da arte, em meio a leituras diversas, de literatura a filosofia, explorando os detalhes que aparecem em seus quadros. Durante a pandemia, o artista aumentou suas sessões de produções em seu ateliê, dedicando-se às paisagens de Brasília.

### 3.2 Pinturas

A pintura de Pedro Alvim é conhecida pela mistura entre a ficção e a realidade. Isso ocorre porque parte delas é inspirada no cinema. Um dos filmes favoritos do artista é o *E la nave va*, de 1983, do diretor Federico Fellini. Segundo o artista (arquivo do artista), em seu processo de pintura, ele começa a projetar a possibilidade de uma narrativa de acordo com o modelo do cinema.

Eu acho que o cinema tem a ver com a obra de arte total. É música, é literatura, é uma narrativa que pode de repente não ser mais narrativa, com mil planos narrativos diferentes, com alegoria e simbolismo misturados com a coisa mais imediata, mais material, concreta e sensorial. É a possibilidade de pular de um plano para outro. Eu acho que o cinema é um modelo já realizado de todas as possibilidades que tem a arte. Se eu fosse escrever ou fazer música, também seria um modelo para mim (ALVIM, 2019).

Uma das características que contribui para a dualidade que o artista apresenta em relação à ficção e à realidade são as suas famosas molduras, chamadas em 2018, por Severino Francisco, de *arranjo de gambiarra*. Nas molduras feitas de pregos desconjuntados, restos de

---

<sup>5</sup> As informações aqui apresentadas têm como fonte conversas informais e entrevistas feitas com o artista, a partir de anotações e documentos enviados por Alvim.

tela, pedaços de madeira, o artista consegue enganar o nosso modo de ver, pois, quando olhamos de longe, imaginamos molduras grandiosas no estilo rococó, entretanto, ao se aproximar das obras, nos deparamos com pedaços de matérias sobrepostos formando essa moldura.

Quero lidar com essa coisa histórica das artes visuais, que trazia um símbolo de diferenciação social e cultural, a moldura sendo feita para entronizar a pintura. É meio cafona, mas, ao mesmo tempo, temos certo amor por isso. Traz o lado decorativo do barroco, o lado de ornamento da arte, de buscar o material precioso, provocando uma carícia, uma cócega, um carinho erótico no olho (ALVIM, 2017).

No Quadro 1, podemos constatar os esclarecimentos de Pedro Alvim a respeito de suas pinturas.

#### Quadro 1 – Esclarecimento (2017)

As pinturas que faço têm como eixo uma fabulação em torno de motivos de observação e imaginação. Costumam partir de cenários e ideias de distribuição de figuras no espaço, buscando uma potencialização dos recursos de expressão e representação na pintura. Meus referenciais incluem história em quadrinhos (apoio na linguagem narrativa), paisagem romântica (expressividade e drama) e até arte rupestre (influência da topografia dos diferentes locais).

Parte dos motivos que me servem de ponto de partida está vinculada a uma paisagem urbana que sugere o drama e a metamorfose: terrenos baldios, ruínas e edificações que estejam assombradas ou animadas por algum espírito local.

Numa série intitulada “Tramóias”, elementos cenográficos contracenam uns com os outros de forma dramática. Essas pinturas partem de uma analogia com os bastidores do teatro.

A partir de 1990, comecei a confeccionar molduras, como uma forma de interagir com a assepsia e o enclausuramento de certos espaços expositivos. As molduras podem realçar o aspecto paródico e barroco de alguns temas, mas também podem se converter por elas mesmas em experiências construtivas e associativas.

Sinto também necessidade de voltar sempre a interrogar os gêneros básicos da pintura: natureza morta, paisagem, retrato, ilustração narrativa, e as comunicações que foram se estabelecendo entre eles.

Pedro Alvim, 2017

Fonte: Alvim (2017).

### 3.3 A Pintura selecionada

Para esta pesquisa, foi estudado o quadro *Capricho – Terror em Silent Hill* (Figura 2). A pintura foi baseada em uma experiência de infância do artista. Quando Alvim era mais novo, os cinemas, antes de iniciarem o filme, passavam umas projeções em cima da cortina que ficava em frente da tela de cinema; esse momento marcante na vida do pintor aparece no fundo direito da pintura. Já as figuras da pintura estão ligadas a um período em que o artista estava assistindo uma série de filmes de terror. Uma de suas inspirações foi o filme “Dante’s Inferno” de 1997.



Figura 2: ALVIM, Pedro. *Capricho – Terror em Silent Hill*. 2008 -2015. Pintura, acrílico sobre tela, 65 x 85 cm. Acervo: Coleção do artista.

A cena da pintura é inspirada nos bastidores de um teatro que, ao abrir as cortinas, se vê uma casa mal assombrada rodeada por ruínas, onde, ao fundo, acontece a projeção de um filme em cima da tela verde. Os personagens inspirados em quadrinhos compõem a cena de maneira aleatória, como uma espécie de animação. Os personagens de filmes de terror são

colocados na pintura como figuras fantasmagóricas, compondo uma cena dramática, como se estivessem desconsolados.

A pintura, que levou cerca de dez anos para ser produzida, é feita por meio da técnica de tinta acrílica. A cor é peça fundamental na condução do quadro; é como um casamento entre cor e forma, existindo harmonia entre as cores selecionadas pelo artista, tendo o verde como um tom de independência da imagem por se destacar sobre as outras. Os sentimentos que os espectadores têm ao verem a pintura variam de acordo com o público que a interpreta.

A princípio, a escolha do quadro para essa pesquisa se deu pelo fato de a pintura nunca ter sido exposta e por não haver informações sobre ela em livros ou sites, pois meu propósito era buscar o máximo de interpretações distintas, sem conhecimento prévio sobre a história da composição feita pelo artista.

E, por fim, as composições das figuras presentes na imagem não possuem total clareza em suas formas, causando estranhamento ao público e dificultando uma análise mais planejada e, dessa forma, permitindo interpretações mais espontâneas.

## 4 MÉTODO DE PESQUISA

O estudo é abordado de acordo com os princípios da História da Arte, relacionado com a mediação cultural, buscando investigar por meio de suas metodologias e teorias, de ambas as áreas, as relações existentes entre arte e público.

Provocação, não é imposição de ideias, mas leva o aluno (público em geral) a perceber ângulos inusitados com diferentes perspectivas de seu próprio pensamento. Ampliação de conhecimento tem que fazer sentido e relacionar com experiências para desenvolver o estético estimulando e ressignificando o conhecimento (MARTINS, 2007, p.76).

Como já abordado aqui, esta pesquisa visa compreender as múltiplas interpretações da pintura de Pedro Alvim feitas pelos diferentes públicos, sendo eles: crianças e adultos, discentes e docentes que estudam arte, pesquisadores, pessoas que nunca tiveram proximidade com a área artística, frequentadores assíduos e ocasionais de museus.

Para isso, realizei entrevistas estruturadas com aproximadamente vinte pessoas de diferentes idades. Na ocasião, os entrevistados tiveram a oportunidade de olhar e refletir a respeito da pintura *Capricho – Terror em Silent Hill* e, em seguida, responder algumas perguntas a respeito do que foi observado.

A pesquisa ocorreu em três etapas, sendo elas realizadas presencialmente, seguindo as recomendações da OMS em relação aos protocolos de segurança da pandemia de Covid-19 e outras em formato *online* por meio da plataforma *Zoom*. A primeira etapa foi realizada de maneira experimental, com a ajuda de três amigos, selecionados apenas pela disponibilidade e pelas distintas formações acadêmicas, com o intuito de ter uma análise prévia antes de a pesquisa ser iniciada com o público selecionado. Nessa fase, foi possível averiguar se as perguntas elaboradas, de fato, poderiam contribuir para a análise geral das respostas obtidas pelos entrevistados. Ao final da fase teste, o questionário foi integrado pelas seguintes questões:

1. Descrição da imagem.
2. Qual seria uma possível narrativa para o quadro apresentado?
3. As cores escolhidas pelo artista remetem a algum sentimento?
4. Essa pintura lembra algum momento da sua vida ou ela te despertou sentimento/emoção?

Na etapa seguinte, se iniciou a fase de pesquisa com o público previamente escolhido de acordo com o objeto de avaliação. O estudo foi iniciado pelo grupo infantil, pois, segundo



as ideias de Bourdieu, é na infância que podemos perceber os diferentes costumes entre as classes sociais, podendo comparar como a formação inicial influencia diretamente no hábito de frequentar museus e no interesse por obras de arte.

Dessa forma, foram selecionadas duas crianças, uma pertencente à classe média e outra à classe menos favorecida, para entender como o *capital cultural* pode influenciar na formação acadêmica e no costume de frequentar espaços de arte.

Após as entrevistas, se iniciou o período de análise. Cada entrevista foi estudada de acordo com a personalidade, a formação e o estado psicoemocional em que se apresentava o entrevistado – o que me foi relatado em uma conversa informal sobre como o entrevistado se encontrava antes de iniciarmos a gravação de entrevista.

Outros fatores considerados na pesquisa foram: sentimentos e emoções, as diferentes narrativas construídas, o interesse em frequentar espaços expositivos e como a pessoa se colocava no processo criativo.

#### **4.1 Pandemia**

Em 31 de dezembro de 2019, foi comunicado o surgimento de vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. A doença era nada menos que um novo tipo de cepa que foi chamado de coronavírus, uma nova doença que não havia sido identificada antes em seres humanos.

Em poucas semanas, a doença começou a se espalhar por diversos países, causando um estado de calamidade pública. Em março de 2020, a OMS (Organização Mundial da Saúde) recomendou o fechamento de todos os estabelecimentos e interrupção dos eventos temporariamente, iniciando o período de quarentena durante a pandemia.

Muitos acreditavam que a pandemia não duraria mais do que quinze dias, contudo, no decorrer do tempo, pelas notícias foi possível entender a gravidade do problema que se instaurava no mundo. A doença pode ser transmitida em distância de até quatro metros. Com isso, cada vez mais os estabelecimentos foram fechando as portas.

Este momento histórico, vivido pela totalidade da população mundial, tem afetado sobremaneira a área artística e cultural, tanto na percepção dos artistas relacionada às suas próprias produções, quanto às mudanças realizadas em seus processos criativos, o que afetou até mesmo a dinâmica estabelecida entre artista, obra e público, muitas vezes impossibilitando o diálogo entre ambas as partes.

Com o fechamento temporário dos espaços culturais, a estruturação da exposição virtual veio como forma de suprir os problemas apresentados pela falta do público. Museus, galerias e centros culturais passaram a digitalizar seus acervos para que, mesmo à distância, o público pudesse ter acesso e interagir com as obras de arte.

O valioso desse acontecimento é que hoje podemos ter acesso a obras de arte de diversos lugares, como o museu do Louvre na França, o MASP do Brasil, o Reina Sofia da Espanha, o Malba, na Argentina, entre outros. Locais que, para algumas pessoas, são de difícil acesso, agora, por meio da internet, disponibilizam o acesso ao seu acervo que antes só poderia ser visto pessoalmente.

Na História da Arte, existe uma mistificação do objeto, em que se defende o contato direto com a obra de arte. Contudo, autores, como Walter Benjamin, defendem a desmitificação do objeto.

Formulando de modo geral, a técnica reprodutiva desliga o reproduzido do campo da tradição. Ao multiplicar a reprodução, ela substitui sua existência única por uma existência massiva. E, na medida em que ela permite à reprodução de ir ao encontro do espectador em sua situação particular, atualiza o reproduzido (BENJAMIN, 2020 [1936], p.57).

É inegável que, hoje, vivemos a era digital. Boa parte da formação acadêmica acontece por meio de imagens retiradas da internet. Claro que a experiência de ver uma pintura pessoalmente é grandiosa; contudo, ver pela tela é como levar a pintura para dentro de casa, onde o público pode olhar com calma, centenas de vezes, sem necessariamente ir ao museu. Ademais, boa parte do acervo fica exposta temporariamente e pelas redes sociais se torna possível ter acesso ao acervo independente das exposições presenciais.

Devido aos fatores aqui apresentados, esta pesquisa necessitou ser feita de maneira presencial e *online*. Para maior segurança dos entrevistados, apenas quatro realizaram a análise do quadro no ateliê do artista, todas as outras entrevistas foram feitas virtualmente.

Apesar da interferência da interface nas entrevistas *online*, a interpretação feita virtualmente ou presencial não apresentou diferenças na hora do diagnóstico, dado que o importante para o resultado seriam as narrativas e os sentimentos construídos durante as perguntas realizadas.

## **4.2 Design de pesquisa**

Essa etapa da investigação busca analisar as interpretações, resultadas das entrevistas, a fim de investigar a importância dos públicos no processo artístico, podendo compreender o papel do espectador na História da Arte. O trajeto escolhido para compreensão das entrevistas, desta pesquisa, foi elaborado de acordo com as teorias aqui já apresentadas, tendo por objetivo avaliar o impacto que as múltiplas respostas causam na história da arte, podendo, dessa maneira, compreender o papel do público nesse processo. O *design* da análise será feito pelas seguintes inquietações:

1. Criança ou adulto | Escolaridade

Esse tópico será relevante à medida que cada idade representa uma etapa da educação formal e não formal. Por meio dele se pode avaliar como o grau de escolaridade de cada um e a escola que frequentou influenciou no costume e na frequência das visitas aos espaços artísticos. E entender como o amadurecimento de cada pessoa interfere na interpretação espontânea ou planejada.

2. Zona em que habita | Frequência do entrevistado nos espaços culturais

O hábito de ir aos museus e às galerias de arte faz com que o olhar seja mais treinado para avaliar, nesse caso, a pintura, visto que o público voltado para arte apresenta maior interesse em dominar tal assunto. Sua localização interfere nesse processo, uma vez em que os espaços culturais estão localizados longe de sua região.

3. Observação da fala planejada ou espontânea (sentimentos/expressões)

Um ponto observado durante as entrevistas foi que, em média, os participantes que não frequentam os espaços culturais, não tendo proximidade com as pinturas, apresentavam certo receio em falar o que realmente achavam da pintura, por medo de “errar”. Dessa maneira, optaram por falas planejadas antes de dar a resposta sobre a pintura que se observava.

Como trata o pesquisador Diogo de Moraes Silva, em seu artigo, segundo os pensamentos de Bourdieu, na década de 1970:

As diferenças e divisões daí decorrentes incidiram não somente nos modos de fruição de espectadores provenientes de estratos sociais diversos, mas também na visibilidade e no reconhecimento das interpretações ensaiadas por agentes sociais cuja familiaridade com os códigos estéticos e cujo trânsito na esfera pública da arte são notadamente desnivelados (SILVA, 2018, p. 213).

Mais adiante em seu texto, Silva, ainda segundo as ideias de Bourdieu, escreve que essa fala planejada surge por meio de um bloqueio, em que o público não especializado se

sente acuado por não poder se expressar de maneira singular diante a obra de arte, tendo receio de sua livre interpretação estar “errada”.

#### 4. Em qual tempo (presente, passado ou futuro) o entrevistado narra à pintura

A memória é nosso aliado na interpretação; quando tentamos criar uma narrativa para o desconhecido, buscamos em nossa memória experiências anteriores para explicar o que se apresenta no presente. Isso varia de acordo com o momento atual ou o passado: “O passado deixa de ser passado para se tornar um dado que pode fazer parte do presente a qualquer momento” (VILLA-FORTE, 2019, p.25).

Já o futuro surge como um refúgio para explicar o desconhecido; quando não encontramos no passado ou no presente uma relação ao que não conhecemos, pode-se relacionar a possíveis situações ou a materiais futuros. Um exemplo é quando imaginamos algo que não existe, mas que idealizamos para o futuro.

Um dos motivos para se analisar esta categoria é perceber até onde o entrevistado é capaz de construir uma narrativa. Se ligado ao passado, trazendo uma lembrança que se relaciona ao quadro ou, no presente, interligando ao momento atual do entrevistado ou, no futuro, buscando respostas para a pintura desconhecida.

#### 5. Percepções gerais

Por fim, foram estudadas as entrevistas, observando a forma como cada ato do entrevistado serviu para a construção do objeto que aqui será apresentado, analisando cada tópico para compreender as distintas interpretações. Após a avaliação geral, será possível compreender como o espectador atua no processo de criação, como se o público fosse um dos autores da obra. Como diz Leonardo Villa-Forte, “Um escritor que não escreve” (VILLA-FORTE, 2019, p.27).

Entendendo o pensamento de Villa-Forte sobre textos escritos e o comparando com a análise das obras, pode-se dizer que a interpretação do público não surge para se apropriar da obra, mas, sim, para trazer uma contribuição ao material já finalizado, apresentando uma nova ideia e reforçando o valor que a obra já apresentaria.

Tendo o objetivo desta pesquisa como norte, a análise consistirá na busca pelas diversas interpretações e em como elas contribuem efetivamente para a história da arte em relação à validação e ao conhecimento das obras de arte.



## 5 ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES PROTAGONIZADAS PELO PÚBLICO

A análise das interpretações, surgida a partir das entrevistas, foi realizada em quatro grupos: crianças, especialistas/estudantes de arte, adultos com formação ou cursando universidade e adultos sem formação universitária.

A pesquisa teve como propósito compreender como a especialidade e vivência de cada entrevistado contribuem no ato de recepção em relação às obras de arte. Além do mais, os grupos ajudam a entender a diferença entre as classes sociais e a importância do público na História da Arte.

Um dos papéis dessa investigação é entender como diferentes públicos podem apresentar múltiplas interpretações em relação a uma única obra de arte, permitindo criar novos contextos e narrativas para a pintura.

*El modo de ver del pintor se reconstituye a partir de las marcas que hace sobre el lienzo o el papel. Sin embargo, aunque toda imagen encarna un modo de ver, nuestra percepción o apreciación de una imagen depende también de nuestro propio modo de ver (BERGER, 2000, p. 16).*

Ao final desta observação, será possível entender como as interpretações e a participação do público pode contribuir para a história da arte. Vale ressaltar que os nomes dos participantes são fictícios para preservar o anonimato dos entrevistados, mantendo suas identidades em sigilo.

### 5.1 Primeiro grupo - Crianças

No grupo dos infantes, foi analisada a diferença entre as classes sociais, tendo por base os estudos de Pierre Bourdieu, aqui já abordados, compreendendo como o costume de ir a museus é mais frequente aos que possuem o capital simbólico. Outro fator determinante nesse tópico foi perceber o interesse de cada criança em participar de uma pesquisa relacionada à arte.

O estudante de treze anos, Caio, relatou que um dos motivos de não ir a museus é o fato de sua família não ter esse costume. Mesmo em viagens, o museu não é um dos pontos escolhidos por eles para visitação. Diferentemente de Maria Clara, de onze anos que, desde beb , os pais levam em espaços culturais, sendo esse um programa constantemente presente em suas viagens. Um exemplo disso esteve presente na entrevista de Maria Clara quando,

durante a pergunta se a pintura “Capricho – Terror em Silent Hill” a fez lembrar algum momento de sua vida, logo a estudante remete a pintura ao museu Casa de Santos Dumont, que visitou anteriormente: “Lembrei de um museu que visitei no Rio de Janeiro que era a casa de Santos Dumont” (Maria Clara, 2021).

Um aspecto que chamou atenção foi o interesse dos dois infantes durante a entrevista. Caio aparentou estar empolgado em participar e se encantou pelo ateliê do artista Pedro Alvim, local onde realizou a entrevista no presencial.

A criança quis explorar todo o espaço e ficou curiosa para conhecer mais. Durante a interpretação da obra, demonstrou-se empenhada em responder as questões e, mesmo não tendo contato com obras de arte, conseguiu desenvolver bem as respostas durante a interpretação.

Diferentemente, Maria Clara pareceu totalmente desinteressada em participar da pesquisa, ficando dispersa durante as perguntas. Apesar da frequência a museus, não pareceu interessada em interpretar a pintura ou até mesmo pelo espaço (ateliê).

A respeito da interpretação do João, de seis anos, foi notável que ele respondeu às questões de maneira singela, voltado para a inocência. Isso se destaca ao relatar que as cores frias do quadro lembraram-lhe felicidade, simplesmente pelo fato das cores serem suas favoritas: “Gosto das cores, porque me deixam felizes, são cores que eu gosto, O vermelho é minha cor favorita” (João, 2021).

Para além da inocência do infante, se destaca o fato do pequeno ser aluno da escola particular, contudo não frequenta museus. Um dos empecilhos para que isso aconteça está ligado à dificuldade de locomoção aos espaços expositivos e por não ser um *costume* da família.

Sobre a interpretação imaginativa em relação à pintura, as três crianças remeteram as figuras do quadro a uma casa, sendo os infantes mais velhos associando os objetos a móveis antigos. Outro aspecto que vale destacar nesse primeiro grupo é o fato de nenhuma das crianças associarem a pintura à temática do filme de terror, assunto principal da pintura abordado pelo artista.

## **5.2 Segundo grupo - Especialistas/estudantes de arte**

Neste grupo, se destacou a aparição dos termos técnicos durante a interpretação, como: textura, distribuição do espaço, temporalidade da obra, perspectiva, entre outros termos que

são utilizados para detalhar uma obra de arte. Essa característica está diretamente ligada àqueles que têm o costume de analisar as obras, pois o olhar acaba sendo treinado para comentar uma obra de arte.

Algo que destaca é que a entrevistada Anelice, durante a análise, relata que dificilmente consegue sentir algo ao interpretar, pois a sua profissão a torna, cada vez mais, treinada a olhar para a pintura de maneira mais técnica: “É que sou já muito treinada para não sentir, Então, o que eu poderia dizer é isso, que essa pintura me transporta para outro tempo. Então, posso dizer que ela me traz certa nostalgia, pode ser isso” (Anelice, 2021).

Apesar do olhar treinado dos especialistas, todos tiveram dificuldade ao apresentar respostas com uma base mais aprofundada a respeito da pintura, durante a interpretação. Isso é evidente uma vez que eles não tinham um conhecimento prévio em relação à obra da pesquisa. Entretanto, é interessante destacar que, mesmo com o conhecimento em artes, se não há um conhecimento posterior sobre a pintura, a imaginação espontânea ganha espaço na interpretação.

Falando a respeito da imaginação, durante a entrevista da artista Clarice, ela se permitiu devanear em suas respostas, aspecto que se caracteriza pelo fato de a artista ter seu trabalho ligado à poesia. Durante a sua interpretação, fica claro como ela estava à vontade em fantasiar a história do quadro, levando a narrativa para a parte mais poética.

Acho que esse seria um mergulhador que tinha encontrado um navio submerso, mas nesse navio moravam essas figuras. São figuras de outro plano. Aquele mergulhador morre quando entra nesse navio. Falta oxigênio, ele morre e em espírito ele encontra essas figuras, e essas figuras o submetem a um tipo de julgamento, já que ele morreu naquele lugar que não era dele (Clarice, 2021).

Uma das entrevistas que chamou atenção foi a da Alice, entre todos os entrevistados das quatro categorias, a estudante foi a única que apresentou uma resposta distinta sobre as cores. Em sua entrevista, ela aponta as cores frias como sombrias e assustadoras, mas, ao mesmo tempo, ela comenta que se sentiu “acolhida” pelos tons da pintura ao falar que: “O quadro possui uma ternura, com um roxo acolhedor, algo tênue” (Alice, 2021). Enquanto os outros entrevistados não conseguem remeter as cores a sentimentos bons.

Para além da entrevista, a discente comentou seu estado de saúde ligado à depressão, por estar vivendo este estado frágil em sua vida, ao olhar para o quadro, a jovem estudante encontra conforto e amparo nas cores frias da pintura. Esse assunto é abordado em estudos sobre arte terapia:



As cores têm um apelo simbólico em várias esferas da cultura, seja na cultura popular, no âmbito divino ou no simbolismo cósmico. Elas provocam sensações e sentimentos em função da sua coloração. As cores consideradas quentes (como laranja, amarelo e vermelho) têm o poder de transmitir estados de excitação e necessidade de expansão, as cores ditas frias (verde, azul, violeta) produzem efeito contrário produzindo sensação de tranquilidade, profundidade e de retração (MARTINS; VALLADARES, 2010, p.2).

O ponto aqui não é se aprofundar nas questões de arte e terapia, mas, sim, retratar como o quadro é recebido pelo público de acordo com suas vivências e, muitas vezes, com o seu momento atual. Uma prova disso é o estado de saúde da entrevistada que se sente bem ao olhar para a pintura feita com uma paleta de cores mais escuras, que podem ser associadas a sentimentos negativos.

Uma última análise geral das entrevistas é a da Historiadora da Arte, Bianca. Entre todas as entrevistas dos quatro grupos, a acadêmica foi uma das únicas a encontrar uma lembrança afetiva ao ver a pintura, ainda que não ligada diferentemente à temática do quadro apresentado pelo pintor, Pedro Alvim. Bianca viu no quadro a recordação de sua infância, quando frequentava a casa de seus avôs que possuíam diversas pinturas com aspecto de antiguidade.

Da mesma forma que ela me remeteu a essas cenas mais camponesas, eu acho que me faz lembrar um pouco a minha infância, porque na casa dos meus avós costumava haver muitos quadros que me remetem a esse. Não porque são parecidos, são trabalhos bastante diferentes, linhas bastante diferentes. Enquanto aqueles eram mais expressivos e mais realistas, querendo ir atrás de algo bem nítido, aqui eu sinto que essa não é a proposta, mas é o que ele me remete. Então, eu acredito que me traz certo conforto, quando se trata da minha infância. [...] (Bianca, 2021).

### **5.3 Adultos com formação ou cursando universidade**

A análise do terceiro grupo é marcada pela espontaneidade e pelo receio. Espontaneidade, uma vez que parte dos entrevistados criou uma narrativa para a pintura pesquisada sem conhecimento específico em artes; contudo, manifestaram receio por não saberem se estavam acertando a temática. Outro fator interessante neste grupo é o fato da maioria dos entrevistados ter acertado ou se aproximado do tema proposto pelo artista: “Nossa, que difícil. Eu não sei, poderia ser uma casa de filme de terror. Porque tem

fantasminhas. E parece que está meio quebrada. Não deve ter nada a ver com isso, mas é isso que parece” (Fernanda, 2021).

Um dos aspectos usados na interpretação deste grupo foi relacionar a pintura com o presente. Assim, apesar de o aspecto de antiguidade ter sido notado pela maioria, alguns integrantes da entrevista trouxeram o elemento visto por eles na obra para a realidade presente. Em relação ao Tadeu e ao Gabriel, a perspectiva e narrativa foi construída a partir de um hobby que os dois têm de jogar vídeo game.

Eu estou vendo um campo verde, parece um mapa de cima, sabe? Parece que tem algumas pessoas deitadas no chão. Tem uma montanha. Parece, de cima, algo bem alto, uma fazenda. No meio é uma fazenda, em volta o campo verde e como se tivessem duas molduras no quadro. [...] (Gabriel, 2021).

Parece uma espécie de purgatório, parece um lugar onde tem alguém fazendo um julgamento de algumas pessoas que vão até aí. Podem ser velas também, mas é que eu não sei dizer. Mas enfim, podem ser essas pessoas, se forem alminhas, se essas coisas fossem almas. Parece que tem uma pessoa julgando e ele decepa quem não merece, enfim. Parece uma coisa meio submundo mesmo e onde as pessoas são julgadas e mortas definitivamente. A alma delas morre (Tadeu, 2021).

Já Giovana, a nutricionista, se refere ao momento em que vivemos em que boa parte tem medo, pânico e terror em relação à Covid-19. E, quando ela traz sentimentos e ainda conecta com a atualidade, mostra como o momento presente afeta diretamente nossas ideias e interpretações espontâneas.

Eu acho que é como se fosse à realidade que nós conhecemos, material, só que por trás dela tem a realidade espiritual de pessoas que estão sofrendo. No contexto atual, poderia dizer que são pessoas que estão sofrendo, por exemplo, pela morte do covid. Ou pessoas em um contexto de guerra, poderia ser morte por guerra. Espíritos de pessoas que morreram por coisas muito repentinas e elas não se deram conta. Então, elas estão lamentando a morte delas, sabe? Não estão aceitando a morte. Como se fosse isso. Só que ao mesmo tempo parece uma realidade onde tem pessoas vivas ainda. Parece que esses dois lados estão no mesmo quadro (Giovana, 2021).

Unindo todas as entrevistas do terceiro grupo, é possível notar que, mesmo com a baixa frequência de visita a museus, os entrevistados responderam as questões de forma natural e mais espontânea. Uma das situações que favoreceu essa liberdade está ligada ao fato de as entrevistas terem sido feitas com amigos e conhecidos meus.

#### 5.4 Adultos sem formação universitária

A recepção do grupo sem formação tem uma aparência mais acolhedora, uma vez que a maioria do grupo interpretou o quadro com alguma lembrança afetiva. De acordo com as análises, fica claro como alguns dos entrevistados criaram as narrativas de acordo com suas histórias pessoais.

Nesse caso, o grupo acessa a memória para relacionar a obra ao seu passado, buscando características que remetem ao local onde tiveram uma vivência afetiva. Como no caso da Marta, Odete e do Pedro.

Porque eu morava no interior e lembrou mais ou menos, por exemplo, a janela que eu falei para você, a cortina (Marta, 2021).

Eu diria que me lembrou um barco porque quando era mais nova vivia na região do mar e tinha lagos e em volta se via muitos barcos como esse do quadro [...] (Odete, 2021).

Até que sim, me lembrou uma parte da infância, da qual eu tinha quadros com algumas tonalidades parecidas que havia na casa onde eu morava (Pedro, 2021).

Outro fator marcante, durante as interpretações do grupo quatro, foi a dedicação que cada participante teve ao olhar para a pintura. Como se o olhar percorresse por cada canto da obra, tentando desvendar o mistério e a possível narrativa em que o pintor tinha construído a imagem. Mesmo com pouco tempo de duração durante as perguntas e respostas, nota-se que a curiosidade e o desejo de saber estavam presentes naquele momento.

A busca pela história no passado de cada um foi aparecendo durante as entrevistas, porém, na entrevista de Jorge, ele apresentou incertezas ao responder as perguntas, pois tinha receio de apresentar narrativas sem o conhecimento prévio da história correta. Ao longo da conversa, ele sempre quis colocar o pintor como o único que poderia apresentar uma interpretação para a pintura.

Não sei, acho que, para quem pintou esse quarto deve ter algumas lembranças (Jorge, 2021).

Não, eu imagino assim, nessa linha. Que é um quarto que traz lembranças para alguém, para a pessoa que pintou. A meu ver, o quarto parece ser para

criança, não para um bebê, mas para criança. Parece que tem algumas bonecas. É basicamente isso. Nada muito aprofundado (Jorge, 2021).

Poderia afirmar que o desconhecido assusta à primeira vista, mas a interpretação se torna possível se relacionarmos o que não conhecemos com nossas vivências, assim como parte do público aqui apresentado fez. Podemos criar um ato afetivo com aquilo que não conhecemos, a partir as interpretações individuais. O único fato que impede a aproximação do que não dominamos é o medo de errar e acreditar que, nesse caso, na pintura analisada, exista uma verdade absoluta para a obra.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho projetou compreender as múltiplas interpretações em relação ao mesmo objeto, visando à interpretação protagonizada pelos públicos em suas diferentes formas para a compreensão e a relevância delas na história da arte, por meio de análise de entrevistas realizadas a partir de uma única pintura, “Capricho – Terror em Silent Hill”, do artista Pedro Alvim.

O estudo teve por propósito alcançar as mais diferentes interpretações, variando o público por idade, formação e conhecimento artístico, abarcando as diferentes áreas de conhecimento para conectar as respostas dadas com o intuito de uni-las para demonstrar a importância da recepção dos públicos. Além do mais, entender o processo de produção do artista e como o resultado da obra chega ao olhar do público de maneira distinta em relação ao que foi pensado pelo artista.

Por meio da coleta de dados, foi possível concluir que o público é um dos principais aliados tanto na história da arte, quanto na história social, pois a coexistência da participação do público torna a arte mais coletiva, contribuindo diretamente na elaboração de pinturas e na organização de exposições. Isso ocorre porque é a partir das interpretações livres, realizadas pelo público espontâneo, que o curador, artista ou as galeristas saberão trabalhar na elaboração do material expositivo.

Vale ressaltar que, de acordo com a pesquisa aqui apresentada, não importa se as temáticas das obras de arte exijam um grau acadêmico ou uma especialização em artes para defini-las formalmente, pois independente do tema, cada visitante pode retirar das obras interpretações relacionadas ao seu conhecimento, seja de vivências anteriores ou de relações futuras.

O grande ganho desta pesquisa foi perceber que, sim, a arte é para todos e que, independente da temática das exposições, o público espontâneo pode acessar os espaços expositivos sem a preocupação de ser qualificado para adentrar esses locais. E não somente isso, mas este trabalho também revela às instituições que o público em geral pode assimilar, individualmente, as exposições de arte, cada um de sua forma, segundo suas ideias. E, aos poucos, os visitantes vão adentrando esses espaços de maneira participativa. Como escreve John Berger:

*Posteriormente se reconoció que la visión específica del hacedor de imágenes formaba parte también de lo registrado. Y así, na imagen se convirtió en un registro del modo en que X había visto a Y. Esto fue el resultado de una*

*cresciente conciencia de la individualidad, acompañada de una creciente conciencia de la historia* (BERGER, 2000, p. 16).

Infelizmente, a dificuldade provocada pela localização dos espaços expositivos e pela falta de hábito da classe menos favorecida ir a museus continua. Entretanto, existem grupos, como Jovem de Expressão, Arte no Muro, Coletivo Transverso, entre outros, que têm como objetivo levar a arte para as ruas, espalhando-a e tornando-a acessível para todos.

Aos poucos, será possível ver outros grupos sociais, não somente a elite, frequentando cada vez mais os espaços expositivos e tendo acesso à arte. Isso deixa evidente que, sim, a interpretação do público não é irrelevante para a história da arte, pelo contrario, é de extrema importância. Principalmente na validação das obras de arte, além de contribuir efetivamente para o seu legado na História da Arte.

A apresentação deste trabalho pode contribuir para futuras pesquisas uma vez que as análises das entrevistas demonstram a acessibilidade e a importância de engajar e trazer para os espaços de arte o público em geral. Ademais, destaca a pertinência e a necessidade de ensinar arte desde a educação básica, independente de classe social.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Organização e prefácio Márcio Seligmann-Silva; tradução Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Editorial Gustavo Gili, 2000.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). *In*: NOVAES, Adauto. (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CARLES, Pierre. Documentário. **A Sociologia é um Esporte de Combate**. Relato a partir do acompanhamento do dia a dia de Bourdieu, de 1998 e 2001. 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIbAd2hwQms&t=925s>. Acesso em: 22 out. 2021.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&M, 2019.
- DUCHAMP, Marcel. O ato criador. *In*: BATTOCK, Gregory. **A nova arte**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ECO, Umberto – **Obra aberta**: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GOMBRICH, Ernst. **A História da Arte**. LTS, 2000.
- HENNION, Antoine. **La passion musical**. Paidós Iberica Ediciones S A; Translation edição, 2002 .
- MARTINS, Luana Vieira Martins; VALLADARES, Ana Cláudia Afonso. **A Utilização Das Cores Em Arte terapia Com Adultos-Jovens Usuários De Drogas Psicoativas Hospitalizados**, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/YLYX3Dpzd74kMXSp6jSx7Tz/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 11 abr. 2022.
- MARTINS, Miriam Celeste. **Mediação**: estudos iniciais de um conceito. Blogspot.com. 25 de outubro, 2021. Disponível em: <http://equipearte.blogspot.com/2007/06/mediaoestudos-iniciais>. Acesso em: 14 out. 2021.
- NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia de letras, 1988.
- SCARTEZINI, Bernado. **As ficções (e as verdades) de Pedro de Andrade Alvim**. Metrôpoles, 2017. Disponível em: <https://www.metropoles.com/plastica/as-ficcoes-e-as-verdades-de-pedro-de-andrade-alvim?amp>. Acesso em: 20 set. 2021.
- SILVA, Diogo de Moraes. **Recepção como elo da obra de arte com o mundo e com a história**. Universidade de São Paulo (USP), 2018.
- VILLA-FORTE, Leonardo. **Escrever sem escrever**: literatura e apropriação no século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.





## APÊNDICES

## **APÊNDICE A - Roteiro e divisões das entrevistas**

### **Saudações**

- 1) Apresentações e agradecer aos entrevistados por participarem da entrevista.
- 2) Apresentar o objetivo da pesquisa, informando ao entrevistado qual será a função dele durante a entrevista, enfatizando a todo o momento que não existe uma resposta correta para as indagações que serão abordadas.
- 3) Informa que a entrevista será gravada, contudo os vídeos serão utilizados apenas como objeto de pesquisa para o pesquisador e orientador, não havendo circulação dos vídeos para fins que não estejam ligados a pesquisa.

### **Entrevista**

#### **I. Identificação**

Nome; idade; formação; qual a sua frequência em espaços expositivos?; O que te leva ou levaria a frequentar exposições de arte?; Entrevista online ou presencial.

#### **II. Interpretação**

- 1) Descreva o que você vê na imagem.
- 2) Qual seria uma possível narrativa para essa obra?
- 3) As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?
- 4) Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?

### **Análise**

#### **III. Observações**

- I. Tempo em que o entrevistado levou para observar a pintura, antes de responder as perguntas.
- II. Por onde a pintura começou a ser analisada
- III. Observar se a fala do entrevistado foi planejada ou espontânea
- IV. Observar em qual tempo o público cria a narrativa da pintura (passado, presente ou futuro).
- V. Observar se o entrevistado ficou empolgado ou se sentiu incomodado ao participar da interpretação da obra.

## APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### Projeto

As múltiplas interpretações sobre o mesmo objeto

### Pesquisadora

Leticia Braga de Siqueira

[leticia.braga.siqueira98@gmail.com](mailto:leticia.braga.siqueira98@gmail.com)

### Orientador

Prof. Dr. Cayo Honorato

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Ref.: Participação na pesquisa “As múltiplas interpretações sobre o mesmo objeto”

Este documento visa assegurar seus direitos e compromisso como participante. Ele é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Declaro por meio deste termo que concordei em participar da pesquisa intitulada “As múltiplas interpretações sobre o mesmo objeto”, analisando a pintura proposta e respondendo ao questionário.

Afirmo que aceitei participar da pesquisa por minha própria vontade, sem para tanto receber qualquer pagamento ou ter tido qualquer despesa, com a finalidade exclusiva de colaborar com o seu desenvolvimento.

Fui informado que a qualquer momento poderei ter acesso às informações sobre a pesquisa, inclusive tirar dúvidas pelo telefone e e-mail abaixo citado. A minha participação nesta pesquisa é voluntária, e poderei retirar o consentimento a qualquer momento, portanto, posso deixar de participar do estudo, sem acarretar prejuízos.

Também sei que os objetivos do projeto são estritamente acadêmicos. Além disso, que o acesso e a análise dos dados coletados serão feitos exclusivamente pela estudante pesquisadora e seu orientador.

Entendo que a eventual divulgação dos dados obtidos deverá preservar meu anonimato, a não ser que eu manifeste o contrário.

### Contato

**Discente:** Leticia Braga de Siqueira      **E-mail:** [leticia.braga.siqueira98@gmail.com](mailto:leticia.braga.siqueira98@gmail.com)

Concordo com os termos deste TCLE? ( ) sim ( ) não

Brasília, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Nome e assinatura do participante ou nome e assinatura do responsável

Nome e assinatura da pesquisadora

## APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas

### 1º Grupo – Infante

- **Entrevista Caio**

**Idade:** 13 anos **Formação:** 8º ano escolar (escola pública)

**Entrevista:** Presencial

**Frequência a espaços expositivos:** Nunca foi

**Motivação:** Não é um costume da família

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Vejo a casa de uma família com cinco pessoas.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Sobre o povo antigo, porque tem um fogão a lenha e vejo um animal de estimação.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Tristeza – uma família triste com cores escuras.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não lembrou nada.

- **Entrevista Maria Clara**

**Idade:** 11 anos **Formação:** 6º ano escolar (colégio militar)

**Entrevista:** Presencial

**Frequência a espaços expositivos:** Raramente

**Motivação:** Programação de Viagens

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Uma casa, sala, uma parte mais decorada, corredor e uma escada.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Não sei, uma casa antiga.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Tristeza/dor.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Lembrei de um museu que visitei no Rio de Janeiro que era a casa de Santos Dumont.

- **Entrevista João**

**Idade:** 6 anos **Formação:** 1º ano (escola pública)

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Nunca foi

**Motivação:** Gosta de ver arte, mas não é estimulado.

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Vejo uma casa e algo parecido com um cogumelo, grades no teto, duas cortinas e uma janela.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Conta uma história de felicidade, porque eu gosto de ficar feliz.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Gosto das cores, porque me deixam felizes, são cores que eu gosto. O vermelho é minha cor favorita.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não lembrei de nada.

**2º Grupo – Especialistas em arte / estudantes de arte**

- **Entrevista Anelice**

**Idade:** 44 anos **Formação:** Graduação em Letras e Doutora em Artes

**Entrevista:** Online pela plataforma zoom

**Frequência a espaços expositivos:** Uma vez por semana

**Motivação:** Exposições e habitus

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Existe, aqui, uma interface do digital, então eu vou operar a partir dessa mediação que eu tenho com a tela.

Me parece que eu estou vendo a cena de um interior. Um espaço que eu observo como espectadora de fora dessa cena. A tela é uma janela para essa cena interior. Nessa cena interior, que eu não sei muito bem se é um espaço de atelier, talvez, há muitos móveis e objetos empilhados ou justapostos. Eu vejo, também, diferentes texturas, estampas justapostas. Me parece que caem, ou, pelo menos, estão penduradas, cordas e materiais, como materiais têxteis, a partir do teto desse interior. Para descrever de maneira mais formal, esse interior tem uma paleta de verdes, que descrevem os espaços das paredes e do chão. De cinzas e azuis, que são predominantes no primeiro plano e num segundo plano, de parte do teto, sendo que o primeiro plano desse teto, que eu consigo observar, é preto.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

O que me parece aqui é uma cena de um atelier, porque eu consigo ver uma imagem no primeiro plano à esquerda, como se houvesse um quadro ali encaixado entre o móvel azul e onde eu estou, onde o espectador está. Eu consigo ver diversos objetos que se assemelham a esculturas, talvez, em cima de algumas bancadas. Agora, em termos temporais, eu identifico esse lugar como um lugar, talvez, do século 20 ou da virada do 19 para o 20. A descrição desse espaço é uma descrição que não me parece contemporânea, até pelas estampas nos têxteis, pela relação entre as cores, pelas relações cromáticas, esse ambiente bastante rebaixado em luz.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

É que eu sou já muito treinada para não sentir. Então, o que eu poderia dizer é isso, que essa pintura me transporta para outro tempo. Então, posso dizer que ela me traz certa nostalgia, pode ser isso.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Ela não desperta um momento da minha vida, ela me faz pensar sobre as relações entre o presente e o passado, a partir do meu lugar profissional. Então, quando eu olho uma pintura, que eu sei que é produzida por um pintor contemporâneo, inclusive colega meu, e essa pintura fala a partir de um

lugar do passado, ela me faz pensar sobre essas relações de tempo nas quais eu estou inserida como pessoa, como ser humano e como profissional. Então, ela me leva para esse lugar, para pensar nessas relações a partir do presente, olhando para o passado e como a arte pode estabelecer lugares, espaços temporais inusitados.

- **Entrevista Catarina**

**Idade:** 29 anos **Formação:** Arquiteta e estudante de Teoria, Crítica e História da Arte

**Entrevista:** Presencial

**Frequência a espaços expositivos:** Uma vez por mês

**Motivação:** Sempre gostou de arte e ter novas experiências **Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

É uma representação de um espaço fechado com cores frias. Vejo uma placa de propaganda ao fundo, e a esquerda do quadro vejo coisas empilhadas, já a direita tem uma planta na pilastra.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Diria que uma história ligada à paisagem, um lugar mais fechado que me remete a paisagem urbana, poderia ser um local comercial.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Sentimento de isolamento. Um lugar de paisagem.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não lembrei de nada.

- **Entrevista Alice**

**Idade:** 23 anos **Formação:** Teoria, Crítica e História da Arte

**Entrevista:** Presencial

**Frequência a espaços expositivos:** Uma a duas vezes no mês

**Motivação:** Pela profissão, pois precisa acompanhar o que está sendo produzido

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Parece um bar, têm uma mesa com pessoas sentadas. Tem um quadro, uma árvore, um peixe com pessoas dentro, um rosto de morte/sofrimento, duas pilastras e luminárias.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Um bar com pessoas conversando e olhando para as pessoas na piscina, como uma paisagem.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Me lembrou as cores que Van Gogh utilizava. O quadro possui uma ternura, com um roxo acolhedor, algo tênue.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não, mas fiquei inquieta/chocada com o rosto.

- **Entrevista Clarice**

**Idade:** 34 anos **Formação:** Designer e cursado Artes visuais

**Entrevista:** Online pela plataforma zoom

**Frequência a espaços expositivos:** Uma vez a cada 2 meses

**Motivação:** Ser estimulada e sair com novas ideias

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

O que eu vejo é um lugar abandonado, onde tem uma mesa, parece uma bancada com várias pessoas assistindo. Essas pessoas cobertas com véu branco, de cabelos brancos longos. Elas estão assistindo uma pessoa que está no meio, ajoelhada, com os joelhos para as laterais e com os braços em uma posição de rendição, de desistência. Em um lugar abandonado que parece quase o fundo do mar.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra**

Acho que esse seria um mergulhador que tinha encontrado um navio submerso, mas nesse navio moravam essas figuras. São figuras de outro plano. Aquele mergulhador morre quando entra nesse navio. Falta oxigênio, ele morre e em espírito ele encontra essas figuras, e essas figuras submetem ele a um tipo de julgamento, já que ele morreu naquele lugar que não era dele.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Me remetem a água. Não consigo nomear um sentimento agora. Me remetem a profundidade e água.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não. Me desperta, um pouco, uma emoção de medo, por ser uma cena que parece um pouco sombria, sabe? Esse lugar, que parece abandonado, mas quando eu faço a análise dele nem sinto medo. Mas foi a primeira impressão que despertou.

- **Entrevista Bianca**

**Idade:** 23 anos **Formação:** Teoria, Crítica e História da Arte

**Entrevista:** Online pela plataforma zoom

**Frequência a espaços expositivos:** Uma vez por mês ou a cada nova exposição

**Motivação:** Pelo compromisso com a faculdade e sempre foi uma forma de entretenimento

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

No meu primeiro olhar eu só vi borrão. Mas, quando eu comecei a prestar mais atenção e fixar o meu olhar em locais específicos, percebi que se trata de algo, talvez, contando uma história, talvez retratando um local específico. Eu vejo que tem um pouco de perspectiva, também. Eu vejo que tem coisas mais próximas da gente e coisas mais distantes. Então, não é só algo plano na tela, eu acho que existe um pouco dessa coisa da perspectiva. Mas, é curioso. Estou tentando entender ainda. Me lembra certos detalhes, me lembra, talvez, um atelier. Porque eu consigo ver, aqui no canto esquerdo da tela, como se tivessem algumas coisas soltas no chão, e eu fiquei imaginando se não poderiam ser materiais de tela, aqui no canto. Ou como se fosse uma estante com algumas telas, alguns painéis de tela encostados no chão. E ali no fundo, não vai fazer sentido nenhum, mas ali no fundo parece uma canoa. Como se houvesse água no chão, ao invés de ser um chão, é como se fosse água. E, se fosse de fato uma canoa. Existem pessoas dentro dela, cinco, se não me engano. Não sei se são pessoas, se são animais. Mas, quando eu olho atrás dessa possível canoa, eu vejo uma cortina, uma janela. Então, eu estou pegando vários elementos, como se fosse de dentro de uma casa, como se fosse de um atelier, mas, também, do exterior. Eu também estou vendo água, estou vendo uma vara. Esse chão, para mim, não parece um chão. Eu vejo como se tivesse algo molhado nele, ou, como se fosse água mesmo. Eu acho que veja até uma pessoa, talvez, nessa área do colo, dos ombros para cima, como se ela estivesse na água. Não sei, muitos elementos curiosos. Eu estou dentro e fora ao mesmo tempo. Vejo coisas no teto também. Existe um teto, existe uma coluna, aqui do lado direito. Talvez seja a mesma do lado esquerdo. Duas colunas, como se fossem daquelas bem clássicas mais distantes ali no fundo. A canoa que travou minha mente acho que isso não é uma canoa, mas estou vendo uma canoa, não sei porque.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra**

Você quis dizer, em contanto com o artista, o que o artista quis contar? Ou só o que eu estou vendo aqui?

**De acordo com o que você está vendo, mas o que você acha que o artista quis contar com esse quadro?**

Entendi. Eu posso filosofar?

**Claro. Não tem uma resposta correta**

É engraçado, porque essa confusão, esse conflito que eu estou tendo entre, se é algo de dentro ou algo de fora, às vezes ele está justamente contando essa história. Que, muitas vezes, o que está do lado de fora faz parte do que temos aqui dentro ou, por exemplo, eu posso imaginar uma casinha muito simples, de campo, que, quando você olha pela janela, existe sim um rio, ou uma lagoa com uma canoa, com uma vara de pescar, que são cenários muito comuns quando pensamos em obras de arte, em quadros. Eu mesma tenho dentro de casa. Uma lagoa, alguma coisa, aquele cenário bem simples, bem rural. Mas está acontecendo essa dualidade. Dentro de casa eu consigo ver isso. Uma visão que eu normalmente veria de fora. Então, talvez essa seja a história. Possivelmente, não existe uma grande narrativa. Mas, talvez, fale justamente sobre o nosso contato sobre a natureza, ou sobre o que nós trazemos para dentro também faz parte do interior. A natureza também faz parte do que nós temos aqui dentro como nossos pertences, nossos móveis. O que nós juramos que é nosso, na verdade, é de fora também e vice-versa. É engraçado pensar que essa parte de cima é bem mais escura do que embaixo. O que seria o teto é a cor mais escura do quadro. Fico pensando porquê. Talvez o quadro possa ter sido montado de uma forma, quase como um palco teatral, onde existem as cortinas, nos cantos. E está tudo muito bem delineado, por exemplo, o teto acaba aqui, o chão está aqui, as cortinas estão aqui. Tudo muito bem enquadrado. Não sei, estou só falando.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Eu acho que, ao mesmo tempo em que o que eu estou vendo é muito incerto, ao mesmo tempo em que essas cores esse esverdeado quase neon, ele é bem claro, mas também com esses tons de cinza com as cores mais neutras me trazem certa insegurança por eu não saber o que está ali. Não é uma insegurança que me traz nenhum desconforto. Não é como se me trouxesse medo, nem nada assim. Eu acho que é algo que faz sentido com a proposta do trabalho. Acredito que seja algo bem sutil, bem simples. Acho que não havia nada complexo que o artista queria passar. É só isso mesmo. Como eu falei, também vejo alguns elementos da natureza. Não sei se era proposital, trazer algum elemento naturalista para a obra. Mas eu vejo que o contato com o verde, com o marrom, com o cinza me remete a algo da natureza, da terra, do chão. Do verde natural das árvores, não sei. Algo bem simples mesmo.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Da mesma forma que ela me remeteu a essas cenas mais camponesas, eu acho que me faz lembrar um pouco a minha infância, porque na casa dos meus avós costumava haver muitos quadros que me remetem a esse. Não porque são parecidos, são trabalhos bastante diferentes, linhas bastante diferentes. Enquanto aqueles eram mais expressivos e mais realistas, querendo ir atrás de algo bem nítido, aqui eu sinto que essa não é a proposta, mas é o que ele me remete. Então, eu acredito que me traz certo conforto, quando se trata da minha infância. Talvez um cenário familiar, por essa lembrança da casa dos meus avós. Por essa lembrança, talvez, decorativa da casa deles. Por saber que meu avô tinha muito contato com a natureza desde pequeno. Ele tem raízes indígenas. Então, em casa, ele gostava muito de ter quadros que me remetem a esse, a uma vara de pescar, a uma canoa, ao contato com o lago com o verde, com o marrom dos troncos das árvores, dos galhos, da casa feita de madeira, do que é simples. Me remete a isso.



- **Entrevista Júlia**

**Idade:** 21 anos **Formação:** Técnica em enfermagem (cursando)

**Entrevista:** Online pela plataforma zoom

**Frequência a espaços expositivos:** Uma vez ao ano

**Motivação:** Curiosidade, tempo livre e conhecimento.

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Parece um ambiente, mas eu não sei definir o ambiente. Eu vejo colunas, parece uma sala, mas eu acredito que não seja uma sala, não sei. Isso não me transmite uma sala, mas é um ambiente. Tem lugares, acho que são lugares para sentar. Eu vejo objetos apoiados nessas colunas e pessoas. Eu vejo fragmentos de pessoas, na verdade. É isso.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Acho que me transmitiria muito para começar uma história de suspense. Acho que leva uma pessoa a um lugar que vai visitar algo, ou alguém e tem esse ambiente. É isso que a pessoa consegue ver. E que esse lugar é um lugar isolado. É isso. Acho que eu construiria a partir dessa temática.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

A angústia, tristeza. Eu vejo muito desespero.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não me remeteu a nada da minha vida, mas me causa esses sentimentos.

- **Entrevista Karol**

**Idade:** 27 anos **Formação:** Farmácia

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Raramente

**Motivação:** Não tem interesse

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Um tribunal. Vejo uma janela com a parede. Estou vendo cinco pessoas, duas cabeças no chão. Estou vendo, acho que corrente no teto. Os balcões, não, é outra coisa. Parece um carrinho, aqueles carrinhos de usina. Parece que as pessoas estão dentro do carrinho de usina e os carrinhos estão no trilho. É isso. Carrinho de madeira e com rodinha.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Sei lá. Os operários, trabalho braçal, pesado em mina. Mineração. Nossa eu fui de tribunal à mineração.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Sei lá, tristeza!?

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não.

- **Entrevista Fernanda**

**Idade:** 24 anos **Formação:** Biologia (cursando)

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Nunca foi

**Motivação:** Não tem interesse

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Parece uma casa, não é? Parece.

Isso parece uma janela. Parece uma porta, não sei se isso é uma porta, e fantasmínhas. Muitos fantasmínhas.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Nossa, que difícil. Eu não sei, poderia ser uma casa de filme de terror. Porque tem fantasmínhas. E parece que está meio quebrada. Não deve ter nada a ver com isso, mas é isso que parece.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Não sei. Parece meio triste.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não.

- **Entrevista Cíntia**

**Idade:** 23 anos **Formação:** Engenharia Agrônoma (cursando)

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Não costuma ir

**Motivação:** Não tem interesse

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Eu estou vendo uma casa, umas correntes, uns enfeites em cima de um armário. Estou vendo, o que mais estou vendo aqui? É isso.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Me parece um lugar que os negros, quando eram escravizados, ficavam.

**Uma senzala?**

Exatamente.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Um lugar triste. Apesar de ter verde ali, é um verde triste.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Lembra lá no Goiás. Agora, não me despertou nenhuma emoção não.

**Por que te lembrou ao Goiás?**

Tem uns lugares parecidos com esse, antigo, bagunçado, sem móvel. Uns tetos assim, cheios de teia de aranha. Têm umas teias de aranha, eu acho.

- **Entrevista Guto**

**Idade:** 25 anos **Formação:** Análise de desenvolvimento e sistemas (cursando)

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Uma vez ao ano

**Motivação:** Gosta de ir, mas não tem o costume

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Um quadrado, vários tipos de profundidade. Dependendo da profundidade, você chega a ver prédios, um deserto? Pessoas andando em cima de uma pedra.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Você pegou pesado, agora.

**Pode inventar uma história de acordo com o que você está observando, é possível. Nada?**

Um povo nômade, de um mundo destruído em busca de alguma coisa.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Tristeza, um vazio.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não. Se ainda vale o comentário, parece que está tudo, como se tudo estivesse caindo para o centro. A parte de baixo, os lados e em cima como se fossem fechados e o meio fosse aberto. Que bizarro.

- **Entrevista Ana Letícia**

**Idade:** 23 anos **Formação:** Ciências Ambientais (cursando)

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Uma vez ao ano

**Motivação:** Interesse por exposições no ramo da ciência

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Eu vejo um quarto e parece um lugar abandonado, e estou vendo uns fantasmas. Tem umas correntes também e eu estou vendo que está escrito ERT. Seria uma referência a arte em outra língua, sei lá. Ou o nome do fantasma. Não consigo mais desenvolver nada. Tem que desenvolver mais que isso?

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

De um lugar abandonado, que é frequentado por fantasmas.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Deixa eu pensar, eu não sou boa com sentimento.

**A cor, por exemplo, é triste, é feliz, é angustiante, emocionante.**

É mórbido. Como as cores que defunto usa no caixão.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não.

- **Entrevista Giovana**

**Idade:** 25 anos **Formação:** Nutrição

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Nunca foi

**Motivação:** Não gosta de muses

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Estou vendo vários fantasminhas e tem uma cabeça no chão. Parece que está gritando no meio. Parece que é um ambiente bem antigo. Acho que é a rua, e tem uma parede verde, uma janelinha com uma madeira. Tem uma estrutura, um prédio, que eu falei, atrás, com a parede verde. Tem uma janela com madeira. Em cima também tem madeira. Tem uma coluna aqui. Parece que tem mãos aqui, segurando essa pilastra da direita, como se estivesse tentando escalar. e tem um rosto na direita, que parece que a pessoa está sofrendo muito.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Eu acho que é como se fosse à realidade que nós conhecemos, material, só que por trás dela tem a realidade espiritual de pessoas que estão sofrendo. No contexto atual, poderia dizer que são pessoas que estão sofrendo, por exemplo, pela morte do covid. Ou pessoas em um contexto de guerra, poderia ser morte por guerra. Espíritos de pessoas que morreram por coisas muito repentinas e elas não se deram conta. Então, elas estão lamentando a morte delas, sabe? Não estão aceitando a morte. Como se fosse isso. Só que ao mesmo tempo parece uma realidade onde tem pessoas vivas ainda. Parece que esses dois lados estão no mesmo quadro.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Algo sombrio, algo meio DARK.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não sei.

- **Entrevista Gabriel**

**Idade:** 26 anos **Formação:** Educação Física

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Não frequenta

**Motivação:** Não tem interesse

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Eu estou vendo um campo verde, parece um mapa de cima, sabe? Parece que tem algumas pessoas deitadas no chão. Tem uma montanha. Parece, de cima, algo bem alto, uma fazenda. No meio é uma fazenda, em volta o campo verde e como se tivessem duas molduras no quadro. Uma moldura de madeira e outra. Parecem pessoas. Estou vendo um cara deitado dentro de um lago, só com a parte da cintura escapular de da cabeça para fora.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Além disso, acabei de ver outra coisa. Posso relatar?

**Pode.**

Parece que tem um barco com cinco pessoas dentro. Duas atrás e três na frente. Parece um pouco da época feudal. Me lembra um pouco da era feudal.

**Mas se fosse uma história, que história você acha que seria?**

Uma história? Parece um ciclo de alguma coisa acontecendo. Parece que dessa montanha descem essas pessoas. Algumas ficam nesse rio, outras vão dando a volta pelo quadro, passando reto, depois subindo, nadando. Às vezes parece um bote. Tem um cara que fica aqui, ele está descendo o rio. E tem outra pessoa, parece que é só a cabeça a pessoa indo nesse bote, e ela vai subindo aqui. E aqui fica muito abstrato para mim.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

É, eu estou pensando agora. Aflição.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Despertou. Como se a vida tivesse sempre um ciclo. Nós passamos por vários períodos na vida e esse é um ciclo que algumas pessoas passam, que eu já passei, creio eu.

- **Entrevista Luiz**

**Idade:** 24 anos **Formação:** Engenheiro Agrônomo

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Nunca foi

**Motivação:** Não costuma frequentar

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Vejo uma pedra, é o desenho de uma sala de estar com móveis velhos, dentro de um navio. Têm teias pela parede.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

De navios abandonados.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Tristeza.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não lembro de nada, mas vejo fantasmas no canto.

- **Entrevista Thamires**

**Idade:** 29 anos **Formação:** Direito (Advogada)

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Quase nunca

**Motivação:** Gosta de arte, mas não tem muito interesse

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Eu estou vendo uma casa. Essa casa tem móveis, mas ela está meio abandonada, sabe? Está retratando solidão. Não é solidão, ela está abandonada. Para mim, em cima dos móveis, tem estátuas e eu vejo uma janela. Não, não é uma janela. É um armário com cortinas. Aqui do lado uma pilastra. Lá em cima é teia de aranha. Tem um negócio ali pendurado, não sei dizer. Pode ser uma janela? Pode.

**Pendurado?**

Não, não está pendurado não. Tem algo pendurado, mas eu não sei dizer se é uma corrente. E, isso aqui é a cortina, isso aqui é como se fosse uma pilastra, isso aqui é teia de aranha, isso aqui é a janela. Aqui são os móveis, aqui são as estátuas em cima dos móveis. Parece de santo, sabe? Sabe o nascimento de Cristo? Presépio. E é isso. Tem um negócio que eu não sei identificar o que é isso não. Isso aqui é um cachorrinho.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

É uma história de terror, certeza. Isso é uma história de terror. Casa mal-assombrada. Alguém foi preso aqui dentro, certeza. Sabe as correntes que tem aqui? Tem umas correntes aqui, isso aqui também é uma corrente. Alguém foi torturado aqui.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Dor e tristeza. Por isso que, ou é uma coisa mal-assombrada, ou é uma coisa meio melancólica.

**Por que?**

Porque as cores são puxadas para o cinza. O verde e o cinza. E predominam os tons mais escuros, uns azuis mais cinzentos. Até o verde é mais puxado para o cinza.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não, pessoal não.

- **Entrevista Tainá**

**Idade:** 29 anos **Formação:** Administração

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Uma vez a cada seis meses

**Motivação:** Gosta muito de arte, mas precisa ser uma exposição que não seja muito clássica

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Eu estou vendo um lugar que parece um interior de uma caverna, dentro de uma montanha que tem um lago. Pessoas vestidas de branco, que não consigo identificar, exatamente, o que seriam essas pessoas. Uma água que parece bem suja. Tem umas escrituras na parede com alguns desenhos, parecem ser bem antigos. E tem um ser, que não é possível identificar, dentro dessa água. Parece que tem umas teias de aranha, umas coisas penduradas, umas correntes. Gosto da moldura, parece de pedra. Achei bem bonito.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Olha, difícil. Mas, por algum motivo, ele me lembrou Hércules, que elas vão salvar as almas do Hades. Não, me lembrou isso. Não sei porquê. Talvez pelo estilo de desenho. Mas eu acho que essa seria a minha narrativa. Anjos que estão vindo salvar uma alma perdida e que caiu nesse rio. Acho que seria isso. É só isso que eu consigo pensar. Não consigo pensar em mais nada.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Medo, talvez um pouco de desespero, agonia. Não é uma coisa que me traz paz. Não sei. Talvez a pessoa que pintou não estava em um estado de muita alegria. Estava meio triste.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não. Algum momento da minha vida não. Mas ele me remeteu muito ao filme do Hércules. Não sei, eu lembrei. Acho que não tem nada a ver, mas foi uma coisa que eu lembrei. Mas não, não me despertou um tipo de sentimento. Não é uma pintura que eu gostei, eu não achei bonito, um padrão de beleza. Mas eu acho isso mais pelas cores.

- **Entrevista Tadeu**

**Idade:** 29 anos **Formação:** Administração e cursando Educação Física

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Uma vez a cada seis meses

**Motivação:** Gosta de experiências para sensoriais e é motivado pela noiva que gosta muito

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Parece uma espécie de purgatório, parece um lugar onde tem alguém fazendo um julgamento de algumas pessoas que vão até aí. Podem ser velas também, mas é que eu não sei dizer. Mas enfim, podem ser essas pessoas, se forem alminhas, se essas coisas fossem almas. Parece que tem uma pessoa julgando e ele decepa quem não merece, enfim. Parece uma coisa meio submundo mesmo e onde as pessoas são julgadas e mortas definitivamente. A alma delas morre.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Em linhas gerais, ele seria um purgatório, uma espécie de área do submundo, onde as almas são julgadas para ver se elas cessam de existir ou se elas vão para a próxima vida. Essa é a impressão que estou tendo desse quadro, porque ele é meio soturno.

**O que é soturno, Tadeu?**

Soturno é que transmite uma sensação meio tenebrosa, uma sensação meio triste e é meio vago. Você não consegue muito bem ver o que está acontecendo. Você não consegue distinguir as formas, mas as formas que você consegue distinguir transpassam um pouco de pânico, entende? Um pânico como final da vida mesmo, que a pessoa não sabe, o pavor do que vai acontecer depois. Tem uma ideia meio angustiante.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

É, essa é a sensação que me traz. O desespero do desconhecido.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

É. Eu nunca fui uma pessoa muito emotiva quando era criança, então, em vários momentos em que as pessoas ficavam emocionadas, eu nunca fiquei muito. Só que na minha vida adulta teve uma vez, em uma aula de filosofia, que o professor passou um vídeo do holocausto e vendo aquele vídeo, vários momentos eles repetiam algumas cenas, e eu lembro que a minha pressão baixou muito e eu tive que ficar no banheiro um tempão. Lembrou desse momento. É uma coisa tão brutal que move você, mesmo que você seja uma pessoa consideravelmente insensível.

#### 4º Grupo – Adultos sem formação universitária

- **Entrevista Jorge**

**Idade:** 32 anos **Formação:** Ensino médio completo

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Foi 1 vez

**Motivação:** Não tem interesse

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Eu diria que é um quarto.

**Um quarto?**

É, com alguns cômodos, objetos de decoração em cima do cômodo ali. Um quadro na parede.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Não sei, acho que, para quem pintou, esse quarto deve ter algumas lembranças.

**Pode inventar uma história, se você quiser, também. Não tem problema.**

Está bem.

Não, eu imagino assim, nessa linha. Que é um quarto que traz lembranças para alguém, para a pessoa que pintou. Ao meu ver, o quarto parece ser para criança, não para um bebê, mas para criança. Parece que tem algumas bonecas. É basicamente isso. Nada muito aprofundado.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Acho que só calma, nada muito chamativo.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Não.

- **Entrevista Marta**

**Idade:** 47 anos **Formação:** 2º grau incompleto

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Nunca foi

**Motivação:** Não foi estimulada

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Uma caixa, uma janelinha, cortina.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Eu ia contar uma história de uma casa bem antiga.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Um sentimento bom.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Sim, a minha infância.

**Por que?**

Porque eu morava no interior e lembrou mais ou menos, por exemplo, a janela que eu falei para você, a cortina. Isso.

- **Entrevista Henrique**

**Idade:** 47 anos **Formação:** 7ª série

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Nunca foi

**Motivação:** Não foi estimulado

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Nesse quadro eu estou vendo imagens de santos, um pré-histórico, alguma coisa assim.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Acho que relacionado à antiguidade.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

É um quadro triste.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Sim. Algo relacionado a imagens de Jesus Cristo. tem algo aqui, parecido.

- **Entrevista Pedro**

**Idade:** 25 anos **Formação:** Ensino médio completo

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Uma vez a cada 2 anos

**Motivação:** Tem interesse

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Parece um mar e tem um barco com algumas pessoas em cima. E tem uma pessoa como se estivesse com a cabeça pela metade, ela parece que está desesperada. Parece que é uma pessoa meio



abstrata. Mas ao mesmo tempo, também, parece que é uma sala que tem alguns móveis. Porque eu não estou conseguindo distinguir isso como água ou como chão. Ou como isso sendo a cabeça de uma pessoa ou sendo só algo no chão mesmo.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Se for na base do mar ali que eu estou vendo, é como se tivesse um barco passando e tivesse alguém que estivesse sendo afogado e estivesse precisando de ajuda.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

De algo antigo. De tristeza.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

Até que sim, me lembrou uma parte da infância, da qual eu tinha quadros com algumas tonalidades parecidas que havia na casa onde eu morava.

- **Entrevista Odete**

**Idade:** 87 anos    **Formação:** Estudo até a 4ª série – Trabalhou com limpeza de escola até a sua aposentadoria

**Entrevista:** Online

**Frequência a espaços expositivos:** Foi uma vez

**Motivação:** Não houve motivação

**Primeiro, eu queria que você descrevesse o que está vendo:**

Vejo um quadro com um desenho. Não tenho noção do que seja, mas parece um rosto de uma pessoa ou um gato, não consigo identificar as outras coisas.

**Qual seria uma possível narrativa para essa obra?**

Seria a história de um barco com alguns pinguins no canto.

**As cores escolhidas pelo artista te remetem a qual sentimento?**

Acho as cores legal, parece uma coisa boa, apesar de que parece ruim porque tem uma cor cinza e um roxo.

**Essa pintura te lembrou há algum momento da sua vida ou ela te despertou algum sentimento/emoção?**

É difícil dizer, porque o quadro parece mal feito, é uma bagunça. Eu diria que me lembrou um barco porque quando era mais nova vivia na região do mar e tinha lagos e em volta se via muitos barcos como esse do quadro.